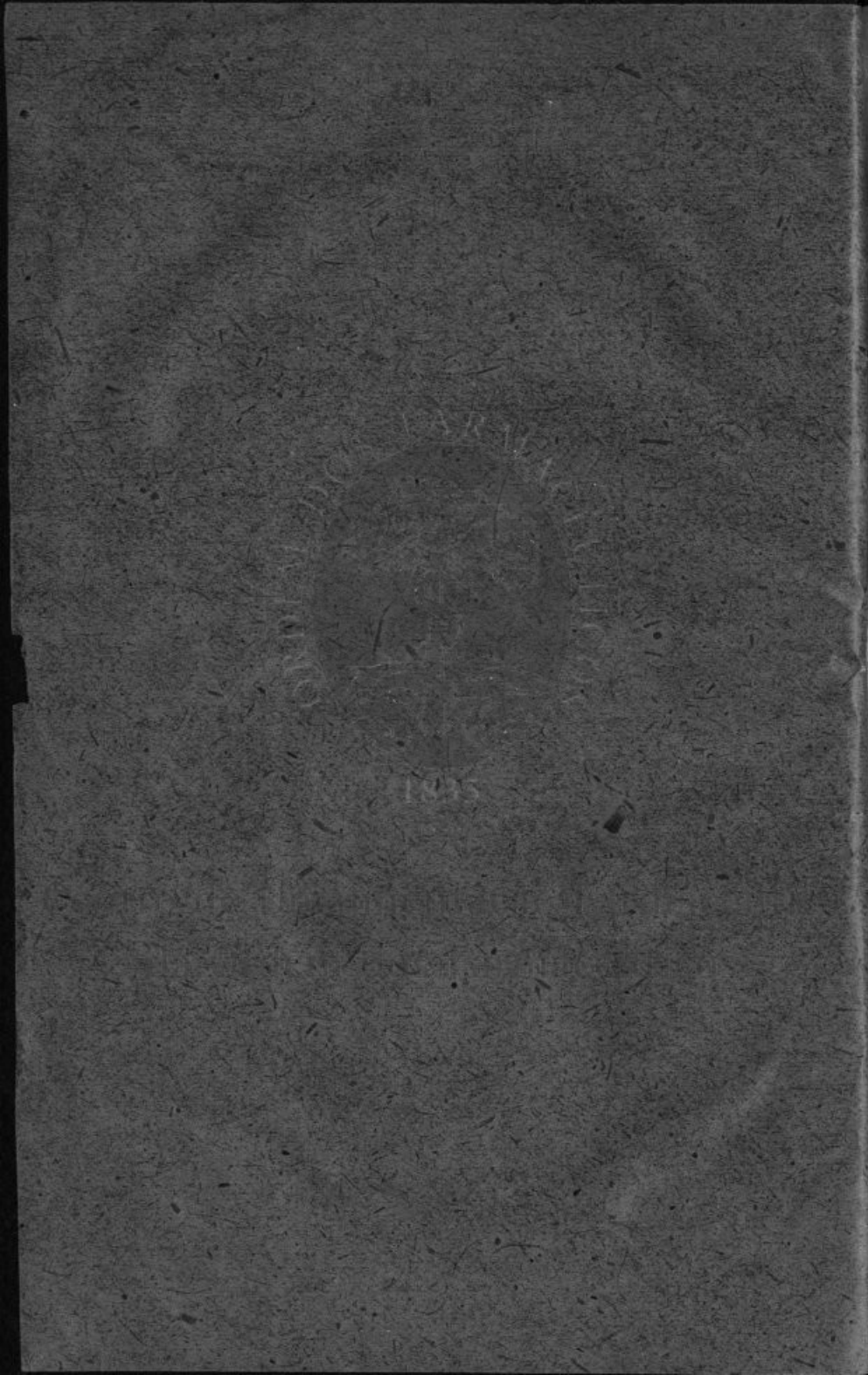


ORDINARY OF THE
SOUTH

1835



JORNAL

DA

SOCIEDADE PHARMACEUTICA

LUSITANA

Magnam iter ascendo, sed dai nihil gloria circa.
PROP.—Lib. 4, Illeg. 10.

OITAVA SERIE — ANNO DE 1880 — TOMO. I

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

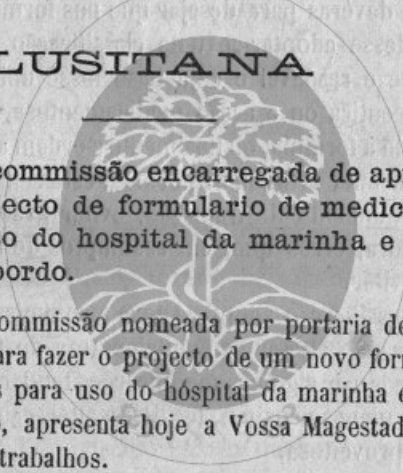
1880

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Dr. Joaquim José Alves, director
Joaquim Urbano da Veiga, vice-director
José Dionysio Corrêa
Antonio Augusto Felix Ferreira
João José de Sousa Telles

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

JORNAL
DA
SOCIEDADE PHARMACEUTICA
LUSITANA



Relatorio da commissão encarregada de apresentar um projecto de formulario de medicamentos para uso do hospital da marinha e enfermarias de bordo.

Senhor.—A commissão nomeada por portaria de 17 de março ultimo, para fazer o projecto de um novo formulario de medicamentos para uso do hospital da marinha e enfermarias de bordo, apresenta hoje a Vossa Magestade o resultado dos seus trabalhos.

Introduzir no projecto os medicamentos novos que uma pratica esclarecida tenha sancionado; harmonisar todas as formulas segundo os preceitos da pharmacopéa portugueza; fazendo desaparecer as que, por antiquadas, têm caído em desuso, tal foi o intuito da commissão no desempenho do honroso mandato que lhe fôra confiado. Forçoso é porém confessar que nem sempre as necessidades praticas de um hospital e das enfermarias de bordo permitem que no seu formulario se introduzam todos os melhoramentos que a sciencia aconselha.

São de sua natureza imperfeitos os trabalhos d'esta ordem, pois que tendo de attender a todas as indicações therapeuticas, ou terá o formulario de ser prolixo e volumoso, perdenço

por isso a sua verdadeira vantagem, ou ha de necessariamente faltar-lhe alguma formula, deixar de satisfazer a alguma indicação.

A este ultimo inconveniente provê de remedio o regulamento de saude naval, permittindo que, em casos extraordinarios, o facultativo possa receitar por extenso. Esta faculdade, cujo abuso pôde annullar as vantagens do formulario, é comtudo indispensavel, visto que elle tem de satisfazer as exigencias de clinicos de differentes escolas e idades.

Seria déveras para desejar que nos formularios hospitalares podesse adoptar-se uma classificação mais methodica, uniforme e rasoavel e cuja base fosse unicamente a fórma pharmaceutica ou a acção medicamentosa, ou o uso a que é destinada a formula, ou finalmente a ordem alphabetica. Obsta porém a uma profunda reforma n'este sentido a difficuldade de, no momento de transição, evitar grandes embaraços e, porventura, erros que, em assumptos de tal importancia, é dever evitar.

Na classificação adoptada teve a commissão especialmente em vista não alterar profundamente a do formulario actual, mas introduzir algumas modificações tendentes a n'um futuro mais ou menos próximo, facilitar a alteração que á commissão parece proveitosa.

Deseja ella pois que fique bem accentuada a sua pouca sympathia por uma classificação em que não ha methodo algum e que apenas tem por si o *habito*.

Julga porém o seu procedimento desculpavel attentas as razões já expendidas.

No caso do projecto de formulario merecer a approvação de Vossa Magestade, entende a commissão que ou toda ou parte d'ella deve ser encarregada de dirigir os trabalhos de impressão, pois que a escolha do typo e revisão de provas só podem ser confiadas aos proprios auctores, como é de uso, e como succedeu na impressão da pharmacopéa portugueza. Se a commissão não correspondeu á confiança que o governo de Vossa Magestade n'ella depositou ao encarregal-a d'este

trabalho, resta-lhe ao menos a certeza de que envidou todos os esforços para o conseguir.

Lisboa, 30 de junho de 1879. — *Carlos Guilherme de Faria e Silva*, inspector de saude naval, presidente — *José Joaquim da Conceição Gomes*, facultativo naval de 1.^a classe, vogal — *Manuel Caetano da Silva Lima*, facultativo naval de 1.^a classe, vogal — *Joaquim José Alves*, pharmaceutico naval de 1.^a classe, vogal — *Joaquim Urbano da Veiga*, pharmaceutico naval de 1.^a classe, secretario.

PEÇAS OFFICIAES

Extractos das actas das sessões litterarias

Sessão de 11 de novembro de 1879

Presidencia do sr. Joaquim Urbano da Veiga

Abertura da sessão ás seis horas e meia da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte

Correspondencia

Officios: — 1.^o Do conselho escolar do instituto geral de agricultura, convidando o presidente e mais membros da sociedade para assistirem á sessão solemne de abertura das aulas d'aquelle estabelecimento.

2.^o Do presidente da sociedade das sciencias medicas de Lisboa, convidando a mesa da sociedade para assistir á sessão solemne d'aquella sociedade.

O sr. *presidente* declarou que a mesa, acceitando os mencionados convites, havia representado a sociedade n'aquellas solemnidades.

3.^o Do sr. Miguel Ventura da Silva Pinto, acusando a recepção do diploma de socio honorario, e agradecendo tal distincção. — Inteirada.

4.^o Do sr. João de Deus Baptista, declarando, em resposta

á circular do sr. primeiro secretario, que lhe apraz continuar a ser nosso consocio, e sobre negocios da thesouraria. — In-teirada.

O sr. *Delicioso* declarou que não tinha podido comparecer ás ultimas sessões, e agradeceu á sociedade a honra que lhe havia conferido, elevando-o á classe de socio honorario. — In-teirada.

O sr. *Felix Ferreira* apresentou, por parte da mesa, uma proposta para socio benemerito. — Á commissão de direito pharmaceutico.

Teve primeira leitura uma proposta do sr. João Thomaz da Silva Pinto, para socio correspondente nacional.

O sr. *José Tedeschi* disse que havia pedido a palavra para fazer uma declaração, que deseja fique registrada na acta. Que tinha vindo publicado na folha official um decreto com data de 14 de junho ultimo, approvando o novo regimento de preços, e que n'este vinham os celebres *asteriscos*, não obstante a opinião em contrario da commissão que o elaborou, a qual havia feito preceder o projecto de regimento de preços de um relatorio, onde os motivos que justificam o augmento de preço das manipulações (contra o que lhe havia sido superiormente indicado) e a ausencia dos *asteriscos* estão claramente indicados; que a inserção d'estes, — encargo já de si tão pesado como inutil, por ser o pharmaceutico obrigado a ter e renovar substancias sem uso em muitas localidades, — foi agora agravada pela circumstancia da sua distribuição no novo regimento ter sido feita disparatadamente por pessoa ignara, vindo marcados com elles muitos medicamentos que devem ser preparados só quando forem pedidos, resultando de tal absurdo vexames para a classe; que a commissão, de que elle orador faz parte como delegado da sociedade, ia protestar para não lhe ser attribuida responsabilidade ou *gloria* que não lhe pertence.

O sr. *Veiga* declarou que tencionava apresentar á sociedade um certo numero de perguntas, logo que fosse publicado o regimento de preços, para se saber qual dos dois decretos de-

via ser observado pelos pharmaceuticos estabelecidos, se o que approvou a pharmacopéa portugueza ou o que approvou o actual regimento de preços, pois que já sabia estarem os dois livros em contradicção. Entende, em vista do que acabava de expor o sr. Tedeschi, que a sociedade deve esperar pelo protesto da commissão e protestar tambem.

O sr. *Felix Ferreira* não está de accordo com a opinião do sr. *Veiga*, porque, disse, a sociedade vae protestar em nome do sagrado direito da classe pharmaceutica, que representa, contra os disparates e desacertos de quem distribuiu a esmo os *asteriscos* no regimento de preços, contra um livro que pôde servir para a vexar, e que o seu protesto deve ser energico, e baseado no que vê no regimento e não no que a commissão disser, por serem diferentes os motivos que obrigam as duas corporações a erguer as suas vózes contra taes desacertos.

O sr. *Veiga* disse que não existe a divergencia que se havia afigurado ao sr. *Ferreira*, entre a sua opinião e a d'este senhor, e exhibiu novos argumentos em abono do que tinha exposto.

Usaram tambem da palavra sobre o mesmo assumpto os srs. *Gomes Roberto* e *Alfredo Machado*.

Foi resolvido, sob proposta do sr. *Felix Ferreira*, que se elegeisse uma commissão *ad hoc* para estudar o assumpto e dar parecer.

O sr. *presidente* suspendeu a sessão por dez minutos para os socios se munirem da competente lista para a eleição da referida commissão *ad hoc*, findos os quaes se reabriu a sessão, e seguido o escrutinio foram eleitos os srs. *João Francisco Delicioso*, *José Bento Coelho de Jesus* e *Francisco Simões Serra*.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. *presidente* encerrou a sessão, dando para ordem da noite da seguinte, propostas, segundas leituras e pareceres de commissões. Eram nove horas da noite. = *Alfredo da Silva Machado*, servindo de segundo secretario.

Sessão de 26 de novembro de 1879

Presidencia do sr. Joaquim Urbano da Veiga

Abertura ás sete horas e meia da noite.

Não se procedeu á leitura da acta da sessão anterior por não estar presente o socio que serviu de segundo secretario, o sr. Silva Machado.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte

Correspondencia

Officios: — 1.º Do sr. João Agostinho Ferreira Chaves, de Faro, enviando uns quesitos sobre o novo regimento de preços dos medicamentos, para a sociedade emittir a sua opinião ácerca dos assumptos a que se refere.

2.º Do sr. Eduardo Julio Jauvrot, agradecendo o convite que a sociedade lhe dirigiu para assistir á nossa sessão. — In-teirada.

3.º Do secretario geral, remettendo dois exemplares do novo regimento, em nome do sr. governador civil de Lisboa. — Recebidos com agrado.

Propostas

1.ª Do sr. Felix Ferreira, para socio correspondente nacional. — Ficou sobre a mesa para ser votada na seguinte sessão.

2.ª Do sr. Sousa Telles, é a seguinte: Proponho que esta sociedade, no intuito de promover maior concorrência de alumnos pharmaceuticos ao curso das escolas especiaes de pharmacia, delibere conferir um premio pecuniario ou conceder o necessario para matriculas e livros aos alumnos pharmaceuticos, que cursarem os preparatorios e as aulas da escola de pharmacia, mediante as cautelas necessarias para evitar abusos. A sociedade deliberou que a mesa nomeasse uma commissão especial para dar parecer sobre esta proposta.

Pareceres de commissões

O sr. *Dionysio Corrêa* leu e enviou para a mesa dois pareceres de commissão de pharmacia, um sobre os quesitos

propostos pelo sr. Pitta Simões, outro sobre os quesitos propostos pelo sr. Silva Guimarães, de Marco de Canavezes. — Ficaram sobre a mesa para terem segunda leitura e serem discutidos na sessão proxima.

O sr. *Delicioso* leu e mandou para a mesa um parecer da commissão *ad hoc*, encarregada de apontar á sociedade as arbitrariedades na collocação dos *asteriscos*, com que vêem marcados os nomes de alguns medicamentos no actual regimento de preços, e quaes os inconvenientes e vexames que podem resultar da observancia da advertencia quinta do mesmo regimento. — Ficou para segunda leitura.

Eleição de socios

O sr. *presidente* disse que estava sobre a mesa uma proposta para socio correspondente, a cuja eleição se ia proceder.

Corrida a cedula, foi eleito por unanimidade de votos, com as formalidades marcadas no regimento interno, e em seguida proclamado socio, o sr. José de Matos Casaca, pharmaceutico estabelecido em S. Braz de Alportel, concelho de Faro.

Em seguida disse que tambem estava sobre a mesa uma outra proposta para ser votada, mas que não trazendo a indicação da classe a que o proposto deveria pertencer, pedia ao sr. Coelho de Jesus, um dos proponentes presente, que preenchesse esta lacuna para assim a mesa saber o destino que devia dar á proposta.

O sr. *Coelho* disse que effectivamente assignára a proposta por conhecer muito bem o candidato, mas não sabe a qual das classes desejam que pertença os collegas Silva Machado e João Pires, que com elle a assignaram.

O sr. *primeiro secretario* diz constar-lhe que o proposto é um chimico habil e residir em Lisboa, mas que esta circumstancia não basta para ser admittido na classe dos socios effectivos, porque para isso era necessario que a sua approvação em chimica, physica ou sciencias naturaes, fosse adquirida n'um dos nossos estabelecimentos de ensino, e que

os individuos que adquirem qualquer d'estas habilitações em escolas estrangeiras, só podem ser admittidos como socios honorarios; é isto o que se deprehende do § 2.º do artigo 4.º

Os srs. Veiga, Telles, Tedeschi e o proponente concordaram em que sejam ouvidos os outros dois proponentes, sobreestando-se no andamento que deve dar-se á proposta.

O sr. *primeiro secretario* disse que a mesa, tendo recebido o officio do sr. Ferreira Chaves, e os quesitos que o acompanham sobre o modo por que deve fazer-se o preço dos medicamentos pelo actual regimento, e tendo-lhe tambem sido feitas perguntas verbaes sobre o mesmo assumpto, entendêra que, para responder com perfeito conhecimento de causa, convinha ouvir os dignos membros da commissão que elaborou o projecto do mesmo regimento, porque, ou a commissão tinha em vista algum fim com a redacção da advertencia quarta, ou tal advertencia não era d'ella; por isso, e para com a maxima brevidade evitar inconvenientes que possam advir, convidára os illustres membros a comparecerem n'esta sessão para lhes pedir que se dignassem auxiliar-nos n'esta tarefa. Em seguida leu os quesitos que serão opportunamente publicados, e expoz quaes eram as duvidas que se offerciam a alguns collegas, sobre o modo de considerar a advertencia quarta, e manifestou o desejo que a mesa tinha de que este assumpto se resolvesse na presente sessão.

O sr. *Telles* parece-lhe conveniente ouvir antes a nossa commissão de pharmacia, a qual poderia pedir aos membros da extincta commissão do regimento que a auxiliasse nos seus trabalhos.

Os srs. Corrêa e Felix Ferreira propõem que, a adoptar-se o alvitre de tomar por base da discussão o parecer de uma commissão, deve esta ser especial e formada pelos delegados por nós eleitos para a commissão do regimento, e um terceiro membro eleito n'esta sessão.

Depois de alguma discussão em que tomaram parte os srs. Vicente de Jesus e Drack, resolveu a sociedade que fosse ouvida a commissão especial de que fazem parte os srs. Tedes-

chi, Pires e Santos Viegas, devendo o segundo secretario enviar para a commissão os quesitos, e informal-a do que a sociedade confia ao seu estudo.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão, dando para ordem do dia da seguinte, propostas, segundas leituras e discussão dos pareceres. Eram dez horas da noite. — O segundo secretario, *Augusto de Oliveira Abreu*.

Sessão de 11 de dezembro de 1879

Presidencia do sr. Joaquim Urbano da Veiga

Abertura ás sete horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte

Correspondencia

Officios: — 1.º Do sr. Manuel Francisco do Amaral, de Albufeira, sobre negocios de policia pharmaceutica. — Que se officie ao administrador do concelho.

2.º Do sr. Augusto Ribeiro dos Santos Viegas, de Lisboa, pedindo escusa de vogal da commissão nomeada para dar parecer sobre os asteriscos do novo regimento dos preços dos medicamentos. — Inteirada.

3.º e 4.º Da procuradoria regia pedindo o laboratorio para n'elle se executarem analyses toxicologicas. — Concedido.

Ordem do dia

Propostas

1.ª Do sr. Urbano da Veiga, para socio correspondente nacional.

2.ª Do sr. Delicioso, para socio effectivo.

Ficaram para ser votadas na sessão seguinte.

3.ª Dos srs. Machado, Estacio, Pires e Coelho de Jesus, para socio honorario.

Á commissão de direito pharmaceutico.

Eleição de um socio correspondente

O sr. *presidente* disse que se ia votar a proposta para socio correspondente nacional, apresentada na sessão antecedente pelo sr. Felix Ferreira.

Corrida a cedula, e seguindo-se as formalidades do estylo, foi votado e proclamado socio correspondente nacional, o sr. João Joaquim da Costa Junior, pharmaceutico em Ponta Delgada, ilha de S. Miguel.

Segundas leituras

Tiveram segunda leitura os pareceres apresentados na sessão anterior.

O sr. *presidente* submetten á consideração da sociedade o parecer sobre os quesitos propostos pelo sr. Pitta Simões.

O sr. *primeiro secretario* propõe que se adie a discussão até que esteja presente o digno relator, porque precisa impugnar o parecer, e parece-lhe conveniente dar esta prova de consideração ao nosso collega e amigo o sr. Dionysio Corrêa.

O sr. *Gomes Roberto* que acabara de entrar, informa que havia encontrado o sr. Corrêa, o qual lhe dissera que se recolhia a casa por estar incommodado.

O sr. *presidente* disse que lhe parecia não haver inconveniente em encetar já a discussão do parecer, porque estava presente o sr. Pires, um dos dignos membros da commissão de pharmacia, para o defender, caso fosse impugnado.

O sr. *primeiro secretario* desce do logar de secretario, que em seguida occupa o sr. Pires, e diz que, apesar de contrafeito, vae encetar o debate por não se conformar com o parecer, o qual seria muito bom para esclarecer duvidas, se as houvesse, ácerca do procedimento do pharmaceutico quando se lhe apresentasse uma receita em que, ou as doses fossem exageradas, ou as substancias incompativeis, ou a redacção pouco clara, mas nunca para o caso da execução de uma formula que o medico com o F. S. A., deixa ao arbitrio do pharmaceutico.

As palavras de Cap, Bouchardat, Dorvault e outras auctoridades não servem, não podem, nem devem servir, para reduzir o pharmaceutico a mero e passivo executante nos variadissimos casos em que os seus conhecimentos especiaes o habilitam para ser mais e muito mais do que isto.

Os periodos citados d'aquelles auctores servem apenas para quando haja duvidas, para tolher ao pharmaceutico a faculdade de substituir uma por outra droga de propriedades semelhantes, para não alterar as doses prescriptas na receita, e, finalmente, para indicar ao pharmaceutico o modo por que deve proceder para com o medico quando este por inadvertencia ou erro formule mal.

Querer que, receitando-se sulfato de quinina, agua distillada e xarope em quantidades bem determinadas, o pharmaceutico seja tão servil na execução da formula que não dissolva o sulfato, só porque o medico não lhe mandou executar esta operação e reduziu a sua subscrição ao usual F. S. A., é annullar tanto o pharmaceutico que repugna acreditar fosse esta a intenção da commissão.

Do modo de dizer de muitos auctores se conclue que o sulfato de quinina, em formulas semelhantes, é sempre dissolvido, e o sr. Dorvault, um dos auctores citados pela commissão, diz terminantemente que o pharmaceutico deverá sempre dissolver aquelle sal, ainda que o medico o não recomende.

Nem sempre o pharmaceutico deve ou póde dissolver os saes ou outras substancias que o medico faz entrar n'uma bebida; nos casos duvidosos, pois, em que a differença do processo possa influir na qualidade e na acção do medicamento, cumpre ao medico ser muito explicito no modo por que formula, e, se o não for, é então tambem que o pharmaceutico, seguindo os preceitos indicados pelos auctores que a commissão citou, deve consultal-o.

Estes casos duvidosos, diz, não escaparam á penetração do consultante que lá cita o chloreto mercurico que, apesar de soluvel, umas vezes se lhe augmenta ainda a facilidade de ser

rapidamente absorvido, adicionando-lhe o chloreto de ammonio, outras se lhe diminue com a addição do gluten, caseína de leite, albumina, etc.

Entende tambem o orador que, para preparar a tinctura de iodo, não deve facilitar-se a solução d'este metaloide, juntando-se-lhe iodeto de potassio, porque, nas proporções em relação ao alcool em que o iodo vem indicado, é quasi completamente solúvel, e a addição citada só serviria para introduzir um elemento estranho á formula.

Produz ainda outros argumentos contrarios ao parecer, e conclue por dizer que, comquanto os preceitos n'elle citados sejam optimos nos casos anormaes a que elle orador se referiu, não os julga proprios para responder aos quesitos do sr. Pitta Simões.

O sr. *Delicioso* diz que o sr. primeiro secretario preveniu o que elle orador tinha a dizer; não quer, contudo, deixar de manifestar a sua opinião contraria á doutrina do parecer que se discute, e que é apresentado como resposta aos quesitos. Estes, diz, referem-se a casos de pratica e o alvo que visam é a uniformidade na preparação de alguns medicamentos; aquelle reproduz apenas os preceitos que o pharmaceutico observará nos casos duvidosos, isto é, formula as regras que elle e o medico reciprocamente observarão para manterem as boas relações e a illimitada confiança que ambos devem merecer ao doente ou á sua familia.

Aquellas doutrinas, diga-se alto e claro, nem sempre o pharmaceutico póde respeitar tanto á letra, que não deva, em casos excepcionaes, quando não póde ouvir o medico, tomar a responsabilidade de fazer algumas modificações que a sciencia, a pratica e os habitos do mesmo medico lhe aconselham.

Para corroborar esta opinião citou factos da sua pratica que o levaram a modificar algumas formulas, dando comtudo depois, quando a occasião lh'o permittiu, conhecimento das modificações executadas.

O sr. *Drack* disse que esta é mais uma questão de therapeutica do que de pharmacia, por isso lhe parece não ser a

nossa associação a mais competente para a discutir; ainda assim dirá que o pharmaceutico deve cingir-se sempre, e com o maximo rigor, ás indicações do medico, e não empregar meio algum indirecto para dissolver qualquer substancia, quando o medico claramente o não determine. Se este, prescrevendo sulfato de quinina o não manda dissolver, a missão de quem prepara o medicamento é apenas mistural-o ao liquido, porque o sr. Felix Ferreira lá disse que o sulfato dissolvido com o auxilio do acido sulfurico, passava de um sal basico a ser um sal neutro, e assim está implicitamente confessada uma modificação que não estamos auctorisados a fazer, porque, passivos executantes, não nos devemos preoccupar com a mais ou menos facil absorpção do medicamento. Julga que devemos ser prudentissimos no parecer que hajamos de dar, para não irmos com elle auctorisar a adopção de preceitos menos racionaes com o fim de obter medicamentos mais transparentes.

A tinctura de iodo é um soluto de iodo em alcool, sem a menor addição de iodeto de potassio, e parece-lhe ver nos quesitos uma tendencia para adoptar a pratica de empregar este sal na confecção da tinctura, que passaria por isso a ser composta sem necessidade e sem vantagem.

É, pois, de opinião que o parecer deve ser approved na generalidade porque contém a boa doutrina, aquella que sempre, e sem excepção, se deve seguir nas pharmacias.

O sr. Pires, um dos signatarios do parecer, apresenta diferentes reflexões para provar que o pharmaceutico não deve, nem pôde fazer mais do que o medico indica, para não alterar a natureza do medicamento; diz que tem ouvido invocar a pratica e a arte para atacar o parecer, mas que a pratica pôde ser uma em cada pharmacia, e a arte não manda que os medicamentos se preparem só por solução, porque a mistura tambem é uma operação pharmaceutica.

Quando o medico não diz claramente que se dissolva o sulfato de quinina, entende que não deve dissolver-se, porque não colhe a rasão apontada da sua mais facil absorpção, quando

dissolvido, por isso que nem só n'este estado o medico o aconselha.

O sr. *Felix Ferreira* diz que não viu destruidos os seus argumentos; que o sr. Drack, inadvertidamente, alterou o que elle orador havia dito, pois não quer que dissolvamos o sulfato quando o medico diga — *misture*; mas quer, e com elle querem tambem todos os bons livros, que até incluem no numero dos *intermedios* o acido sulfurico diluido e o acido sulfurico alcoolisado, por servirem para dissolver aquelle sal quando deve juntar-se a um liquido, e esta dissolução pharmaceutica e medicamento considerada não ter a mesma importancia que em chimica, que se dissolva sempre que o medico não diga o contrario; ora quando este emprega o usual F. S. A., deixa que o pharmaceutico opere como lhe aconselha a pratica, baseada na sciencia, nas rasoaveis observações dos nossos antepassados e dos contemporaneos, e na razão amadurecida pelo estudo, e não na pratica ronqueira e ignorante que tudo auctorisa.

Já se referiu ao acido salicylico e ao acido arsenioso que precisam, o primeiro sempre, e o segundo quando é em proporção um pouco exagerada em relação ao liquido, de um auxiliar para se dissolverem, e diz que muitos outros medicamentos se empregam dissolvidos por meios indirectos, deixando o medico ao cuidado do pharmaceutico executar bem a receita, sem outra indicação mais que o F. S. A., que o dispensa de pedir explicações, visto que o medico delegou assim no pharmaceutico a execução racional e scientifica do medicamento.

Os srs. *Gomes Roberto* e *Coelho de Jesus* usam tambem da palavra, o primeiro na defeza, o segundo na impugnação do parecer. Os oradores que os precederam accentuam novamente a sua opinião no sentido já exposto no extracto dos seus discursos.

O sr. *presidente*, não havendo mais nenhum orador inscripto, consulta a assembléa se julga o parecer sufficientemente discutido na generalidade. Resolvido este ponto affirmativa-

mente, consulta-a se approva ou rejeita o parecer. É rejeitado por maioria.

O sr. *Tedeschi* propõe que seja eleita uma commissão de tres membros, d'entre os que rejeitaram o parecer, que acabava de ser discutido, para apresentar novo parecer.

O sr. *Ferreira* concorda com a opinião apresentada pelo sr. *Tedeschi*, de se eleger uma commissão *ad hoc*; entende, porém, que deve ser mixta, isto é, tirada da maioria e da minoria. Assim se resolveu, ficando a mesa, por deliberação da sociedade, encarregada de nomear a referida commissão.

Como a hora estivesse muito adiantada, o sr. presidente encerrou a sessão, dando para ordem do dia da seguinte a continuação da que estava para a de hoje. Eram dez horas e meia. — O segundo secretário, *Augusto de Oliveira Abreu*.

SAUDE PUBLICA

Fuchsina no pão

Pelo sr. *Bobierre*

No tribunal de Nantes foi feita, ha annos, uma queixa relativa á presença de manchas vermelhas, assás numerosas, observadas no pão exposto á venda. Estas manchas foram attribuidas á presença do *oidium aurantiacum*, mas a analyse revelou immediatamente que eram produzidas pela fuchsina.

Qual era a origem d'esta materia corante? Este problema era difficil de resolver, porque os padeiros não tinham vantagem em misturar a fuchsina no pão. O sr. *Bobierre*, membro do conselho de saude de Nantes e director da escola superior das sciencias, quiz todavia encontrar a solução e descobriu que a fuchsina, da qual produzia as manchas encontradas no pão, não provinha de modo algum das masseiras dos padeiros mas unicamente das farinhas e que procediam das marcas existentes nos saccos.

«É evidente, diz o sr. *Bobierre*, que as manchas vermelhas do pão não têm nenhum inconveniente sob o ponto de vista

da hygiena; todavia podem produzir prejuizo aos padeiros pela desconfiança dos consumidores e, n'este caso, deve substituir-se a tincta da marcação».

(*Journal d'hygiène.*)

Analyse de um cosmetico

Entre os cosmeticos, vendidos diariamente pelos perfumistas, um grande numero são inoffensivos; mas, do que nos vamos occupar, não está no mesmo caso.

Este preparado é composto de uma parte liquida e de um precipitado branco que occupa o terço do volume total; o liquido claro, separado do dito precipitado pela filtração, apresentou os caracteres seguintes: era inodoro, incolor, insipido, não actuava nos papeis reactivos e deixava pela evaporação um residuo insignificante; os reagentes indicavam a presença de pequena porção de sulfato de chloreto, de carbonato de cal, substancias proprias de uma agua não potavel.

Depois de se haver certificado a insolubilidade do precipitado na agua distillada e no alcool, tanto a frio como a quente, procurou-se determinar a sua natureza e com preferencia as substancias ordinariamente empregadas n'este genero de cosmeticos: taes são o sub-azotato de bismutho, oxydo de zinco, sulfato de baryta, carbonato de chumbo, oxydo branco de antimonio, etc. Todas estas analyses foram infructuosas.

Entre os metaes que podiam ainda fornecer pó branco insolavel só faltava o mercurio; dirigiram-se então as pesquisas n'este sentido e reconheceu-se que o precipitado era constituido pelo chloreto mercurioso (calomelanos).

(*Répertoire de pharmacie.*)

J. D. CORRÊA.

TOXICOLOGIA

Propriedades tóxicas do acido phenico

Pelo sr. dr. Binnendijk

1.º O acido phenico puro é uma substancia toxica, a qual tem acção directa no systema nervoso cerebro-espinhal e

principalmente no centro respiratorio, que os excita immediatamente e os paralisa depois. Pode muitas vezes estabelecer-se a hemoglobinuria nas primeiras horas depois da intoxicação.

2.º O reabsorvimento e a eliminação do acido phenico faz-se em curto espaço de tempo; os efeitos toxicos produzem-se promptamente depois da introdução do toxico e desaparecem antes da sua completa eliminação.

3.º O acido phenico transforma-se em parte no organismo, formam-se substancias chemicas complexas, os ethers sulfuricos diversos, o phenol, o hydroquinono, a pyrocatechina (Baumann) que tem uma acção menos toxica; a outra parte pôde ser oxydada (Salkowshi, Tauber).

4.º A glicerina adicionada aos solutos aquosos de acido phenico diminue-lhe os efeitos toxicos (nos coelhos). Não se pôde ainda determinar se este efeito da glicerina deve ser attribuido ao reabsorvimento retardado ou a outras circunstancias.

(Gazette hebdomadaire.)

Distribuição do arsenico no organismo animal, depois de ingerido nas vias digestivas

O sr. E. Ludwig, depois de numerosas pesquisas, conclue que o arsenico encontra-se em maiorès proporções no figado, que nos ossos e no cerebro, e que a sua eliminação pelo figado prolonga-se mais tempo que nos outros órgãos.

(Pharm. centr. für. Deutschland.)

J. D. CORRÊA.

VARIÉDADES

Duboisina (Breve noticia).— A materia medica foi no anno findo enriquecida com um novo alcaloide digno de figurar por sua poderosa acção entre os mais notaveis agentes therapeuticos. Este alcaloide, denominado *duboisina*, foi extrahido por M. Petit da *Duboisia myoporoides*, planta da familia da *Digital* (escrophulariaceas), que cresce na Australia.

A *duboisina* é quasi solida, amarella; soluvel em agua.
 A sua acção no organismo é semelhante á da atropina; possui propriedades oppostas áquellas que apresenta a *pilocarpina*, assim dilata a pupilla contrahida por este alcaloide, e faz cessar a salivação e os suores que elle provoca.

É empregada: externamente em collyrios nas ophthalmias; internamente, contra os suores dos tísicos, o *delirium tremens*, na dose de 1 a 1 $\frac{1}{2}$ milligramma em pilulas e em injecções hypodermicas

A *duboisina* tem actualmente o elevado preço commercial de 6\$000 réis cada 1 gramma.

Em outro artigo indicaremos o processo de preparação empregado por M. Petit.

A. DA SILVA MACHADO.

Modo de augmentar a colheita das arvores fructíferas. — O sr. John Fisher, de Warendoue, tem obtido colheita abundante de peras, das arvores que ainda não haviam dado fructo, cortando-lhes os novos rebentos depois do outomno, quando o lenho tenha consistencia e que a seiva haja terminado; tem outro sim verificado que este processo produz bom resultado, mesmo nas arvores em que havia ensaiado sem utilidade a separação dos aneis da casca, e que aliás os ramos torcidos e pendentés continuam a vegetar muito bem, tornando este processo preferivel á incisão annelar.

Meio de evitar as incrustações nas caldeiras de vapor. — Um jornal inglez publicou que, no estabelecimento industrial de Gilderston, pertencente aos srs. Moson e Asguith, havia, para o serviço mecanico, uma machina de vapor tendo a caldeira 9,60 metros de comprimento e 1,50 de diametro, a qual, sendo alimentada com aguas salobras, carregava-se promptamente de incrustações que obrigavam a frequentes limpezas, em prejuizo dos interesses do estabelecimento. Os proprietarios tiveram a idéa de deitar na caldeira rasuras provenientes do preparo das pelles, cujo effeito tem sido immediato.

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Extractos das actas das sessões litterarias

Sessão de 9 de setembro de 1879

Presidencia do sr. Joaquim Urbano da Veiga

Abertura ás sete horas e meia da tarde.

O *segundo secretario* pediu desculpa de não ter trazido a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte:

Correspondencia

Offícios:— 1.º Do sr. Jeronymo Joaquim da Silva Guimarães, de Marco de Canavezes, remettendo uns quesitos, e pedindo que a sociedade responda a elles. Á commissão de pharmacia.

2.º Do sr. Rodrigo Affonso Pequeto, delegado em Portugal do *Congresso internacional de geographia commercial*, remettendo o programma do congresso que deverá realisar-se em Bruxellas de 27 do corrente mez até 1 de outubro proximo, e convidando a sociedade a subscrever para a realisação do referido congresso.— Para ser discutido.

3.º Do sr. delegado da 4.ª vara da comarca de Lisboa, perguntando se a sociedade está já habilitada a proceder á analyse de umas visceras vindas da comarca de Thomar.— Respondido.

4.º Da procuradoria regia, pedindo o nosso laboratorio para n'elle se proceder á analyse das visceras extraídas do cadaver de Francisca Rita, da comarca de Faro.— Concedido.

5.º Do sr. Francisco Bernardo Pimentel, de Rebordello, perguntando se a sociedade havia recebido uns livros, que enviou para a bibliotheca.

O sr. *primeiro secretario* declarou que tinha officiado, agradecendo a este nosso consocio, logo que os recebera.

Ordem do dia

Pareceres de commissões

Leu-se o parecer da commissão revisora de contas.

A illustre commissão declara que examinando minuciosamente os livros e documentos que comprovam a receita e despesa, achou tudo na melhor ordem e regularidade, e reconheceu que a gerencia do conselho administrativo se exercera com bastante zêlo e intelligencia. Nota que a receita foi diminuta em relação ao anno economico de 1877-1878, e que esta diminuição provém do acrescimo dos devedores, os quaes actualmente se elevam ao avultado numero de duzentos e dois, e a divida a 2:281\$200 réis. Lembra que já no anno anterior chamou a attenção da sociedade para este importante assumpto, e que entende ser um dever chamal-a novamente para que se adoptem as medidas energicas que o caso requer.— Do que expõe, conclue:

1.º Que sejam approvadas as contas.—Approvado.

2.º Que sejam louvados os membros do conselho administrativo pela sua zelosa e intelligente gerencia.—Approvado.

3.º Que seja posto em vigor o artigo 22.º dos estatutos.

Sobre esta conclusão usaram da palavra os srs. Corrêa e Assumpção para recordarem que o disposto no referido artigo é uma providencia demasiadamente energica, e que, se vigorasse, occasionaria graves transtornos e desgostos, pelo que entendiam que a referida conclusão não devia ser approvada.

O sr. *Lima* perguntou se os socios em atrazo no pagamento das suas quotas, mas que pouco a pouco tratavam de saldar os seus debitos, gosavam de todos os direitos que os estatutos e regimento interno garantem aos socios.

O sr. *primeiro secretario* disse que a illustre commissão, no que propõe, não quer prejudicar a sociedade, o que faz é recordar o unico meio que os nossos estatutos apontam para ser imposta uma penalidade aos socios que se atrazaram no pagamento das quotas; que esta providencia é extremamente

dura, mas d'isso não é culpada a comissão. Que o processo seguido até hoje tem consistido em avisar os devedores, e só quando é grande o numero de semestres em divida se suspende a remessa do jornal. A sociedade cõmtudo louvará o zêlo da comissão, mas não approvará de certo o alvitre apresentado pelos inconvenientes que resultariam, e a que já se referiram os oradores que o precederam.

Os srs. *Alfredo Machado*, relator, e *Coelho de Jesus* declararam que na sua qualidade de membros da comissão de exame de contas procuraram nos estatutos o meio de oppor um dique ao constante crescimento do debito á sociedade, e que só encontraram o que fornece o artigo 22.º, e por isso a comissão propõe que se ponha em vigor. Que é dura a lei; é porém o caso de se dizer — *dura lex, sed lex*. Que não desejam nem querem prejudicar a sociedade, mas é certo que se precisa adoptar qualquer alvitre que tenda a impedir que o actual estado de cousas continue.

Usaram ainda da palavra os mesmos oradores, e o sr. presidente, resumindo os debates, e expondo o que a actual mesa tem praticado em relação ao mesmo assumpto, poz á votação a conclusão, que foi rejeitada.

4.º Que sejam eliminados do quadro da sociedade os membros devedores que, em conformidade com a deliberação do conselho administrativo, foram avisados para satisfazer os seus debitos e não se dignaram responder. — *Approvado*.

5.º Que sejam avisados os membros devedores de mais de um limitado numero de quotas para amortisar as suas dividas, sendo eliminados do quadro os nomes d'aquelles que não quizerem a amortisação em um determinado praso, ou exhibirem rasoavel justificação. — *Approvado*.

Teve primeira leitura o parecer da comissão de direito pharmaceutico sobre uma proposta para socio honorario. — Ficou sobre a mesa para ser discutido e votado na sessão seguinte.

Propostas

Leu-se uma proposta para socio honorario assignada pelo

sr. Felix Ferreira e por Oliveira Abreu.—Remettida á commissão de direito pharmaceutico.

O sr. *primeiro secretario* propõe que a sociedade subscreva para o *Congresso internacional de geographia commercial*, que se realisará em Bruxellas, com a quantia de 6,5480 réis, importancia de tres quotas minimas, que lhe dão direito a fazer-se representar e a receber tres exemplares do relatorio, e que fique a mesa auctorisada a escolher tres dos nossos consocios belgas para representarem a sociedade n'aquelle congresso. — Approvado por unanimidade.

Eleições

O sr. *presidente* interrompeu a sessão por dez minutos para os socios fazerem as suas listas.

Reaberta a sessão e realiado o acto eleitoral em conformidade com o que dispõe o regimento interno, foram eleitos os seguintes cavalheiros:

Presidente, Joaquim Urbano da Veiga.

Primeiro vice-presidente, João José de Sousa Telles.

Segundo vice-presidente, José Ribeiro Guimarães Drack.

Primeiro secretario, Antonio Augusto Felix Ferreira.

Segundo secretario, Augusto de Oliveira Abreu.

Primeiro vice-secretario, Joaquim Simões Serra.

Segundo vice-secretario, José Gomes de Mattos.

Thesoureiro, João Francisco Delicioso.

Vice-thesoureiro, Antonio Joaquim Pinto.

Bibliothecario-archivista, José Augusto da Silva Gameiro.

Vice-bibliothecario-archivista, João Thomás da Silva Pinto.

O sr. *Delicioso* propoz que as commissões fossem reconduzidas. — Approvado por unanimidade.

O sr. *Sousa Telles* disse que a associação dos melhoramentos das classes laboriosas o encarregára de convidar a sociedade a fazer-se representar n'uma sessão que se realisaria no dia 15 do corrente mez, na qual se haviam de discutir os meios de algumas associações adquirirem ou construirem por conta

propria um edificio, onde podessem estabelecer-se e funcionar.

Desempenhando-se assim da missão, de que fôra encarregado, pedia que a sociedade enviasse ali um ou mais delegados seus para o alludido fim.

A sociedade, aceito o convite, encarregou os membros da mesa de a representar, ou de delegarem n'um d'entre si este direito.

O sr. *Corréa* congratulou-se por ver presente o nosso digno consocio o sr. João José de Brito Corrêa, de Benavente, que ha annos faz parte do nosso quadro, e que, achandô-se hoje em Lisboa, não quiz perder o ensejo de assistir á sessão, no que dá prova de um acrisolado amor de classe, e propoz que na acta se consignasse que a sociedade viu com muito prazer a comparencia d'aquelle nosso consocio á sessão.

O sr. *Brito Corrêa* agradeceu reconhecido as provas de consideração de que acabava de ser alvo, e fez votos pela prosperidade da nossa sociedade, que tantos serviços tem dispensado á classe, que tão dignamente representa.

Como não houvesse mais nada a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão, dando para ordem do dia da seguinte propostas, pareceres de commissões, segundas leituras e posse de cargos. Eram dez horas.—O segundo secretario, *Augusto de Oliveira Abreu*.

Sessão de 24 de fevereiro de 1880

Presidencia do sr. J. Dionysio Corrêa

Abertura ás sete horas da noite.

Não foi lida a acta da sessão anterior por não estar presente o digno socio que serviu de segundo secretario.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte:

Correspondencia

Officios: — 1.º Do sr. Antonio Satyro Xavier de Castro, de Aviz, remettendo um caixote com livros.—Recebidos com especial agrado.

2.º Do sr. João Joaquim da Costa Junior, da ilha de S. Miguel, agradecendo a honra de ter sido eleito socio correspondente nacional, e declarando não ter recebido os jornaes.— Remetteram-se os jornaes do anno proximo passado.

3.º Do sr. Bernardo Pereira Maia, nosso delegado em Cabeceiras de Basto, agradecendo a resposta a um outro que lhe dirigiu a sociedade.— Inteirado.

4.º e 5.º Da procuradoria regia pedindo o laboratorio para n'elle se proceder a duas analyses toxicologicas.— Concedido.

6.º Do sr. Francisco Augusto dos Santos, de Ferreira, sobre negocios de thesouraria.— Inteirada.

O sr. *primeiro secretario* disse que, em conformidade com o que se havia resolvido n'uma das ultimas sessões, réunira todos os elementos necessarios para em breve resumo provar a justiça com que recebemos o subsidio para a publicação do jornal, e que, podendo a sociedade não estar de accordo com o projecto de representação em que os compendiou, passava a lê-lo, e pedia aos dignos socios que, com a maxima franqueza, declarassem se se conformavam com elle.

O sr. *Tedeschi* congratulou-se pela maneira bem desenvolvida e tratada como se achava o projecto de representação. São innumerous, disse, como n'elle se manifesta, os serviços que a nossa sociedade tem feito ao paiz em geral, pelo que julga de justiça que o governo nos attenda, continuando a dispensar-nos o subsidio, ainda que pequeno, para occorrermos á despesa da impressão do jornal.

Depois de alguma discussão, approvou-se por unanimidade que se dirigisse a representação ao governo, tal qual se achava elaborada, e que a sociedade vira com agrado a maneira como o sr. primeiro secretario tinha tratado este assumpto.

O sr. *primeiro secretario* disse tambem que estava concluida a subscripção para o monumento do dr. Brotero, faltando apenas fixar a sociedade a quantia com que quer subscrever, para em seguida se enviar para Coimbra a importancia da referida subscripção.

Em seguida fez o elogio da faculdade de philosophia em geral, e em especial da commissão encarregada de obter os meios para se erigir o monumento, e propoz que na acta se consignasse o seguinte voto de louvor :

« 1.º Que o corpo docente da faculdade de philosophia da universidade de Coimbra é digno dos maiores louvores pelo pensamento que procura realisar, de se erigir um monumento que recorde aos vindouros os relevantes serviços prestados á sciencia pelo dr. Felix de Avellãr Brotero, infatigavel professor de botanica que foi da mesma universidade, e o respeito e gratidão da geração actual pelos alludidos serviços;

E, sendo approvedo :

« 2.º Que d'esta resolução se dê conhecimento á mesma faculdade e á digna commissão encarregada de obter os meios para se levar a cabo a construcção do monumento. »

Sala das sessões, 24 de fevereiro de 1880. — *Joaquim Urbano da Veiga* — *Antonio Augusto Felix Ferreira* — *Augusto de Oliveira Abreu*.

Approvedo por unanimidade.

Disse em seguida que um pharmaceutico que fóra tão illustrado como infeliz, o sr. Pedro José da Silva, n'um artigo que escrevera no *Correio medico*, com o titulo «Folhas e flores da botanica portugueza», apresentára a idéa de se prestar ao distincto botanico dr. Brotero o tributo da nossa admiração e gratidão pelos serviços que prestou ao paiz e á sciencia com os seus escriptos, erigindo-se-lhe um monumento no jardim botanico da universidade, teatro da sua gloria; que lhe parecia conveniente recordar hoje esta circumstancia por se tratar de realisar o pensamento do nosso fallecido collega e consocio.

O sr. *Tedeschi* parece-lhe que, como tributo de respeito á memoria do nosso collega, deviamos dizer no officio para a faculdade de philosophia que folgámos de ver proxima a realisação do pensamento manifestado no artigo a que se referiu o nosso primeiro secretario.

O sr. *Roberto* foi da mesma opinião.

O sr. *primeiro secretario* diz que, antes do fallecido collega, é possível que algum outro escriptor manifestasse igual opinião, e por isso lhe parece que devemos abster-nos de reclamar para os nossos a prioridade na iniciação de tal idéa.

A sociedade resolveu que se subscrevia com 23,5600 réis para se completar a quantia de 185,5000 réis.

Teve segunda leitura uma proposta para socio do sr. primeiro secretario, e seguindo-se todas as formalidades marcadas no regimento interno, foi eleito socio correspondente nacional, por unanimidade de votos, o sr. João Manuel Ferreira Chaves, pharmaceutico estabelecido em Tavira.

O sr. *presidente* disse que o sr. Delicioso, por motivo de doença, não podia comparecer á sessão de hoje, e que pedira o adiamento da discussão do parecer em resposta aos quesitos apresentados pelo nosso collega o sr. Pitta Simões.— Assim se resolveu.

Não havendo mais cousa alguma a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão, dando para ordem do dia da seguinte propostas, pareceres de comissão, segundas leituras. Eram nove horas e meia.— O segundo secretario, *Augusto de Oliveira Abreu*.

Relatorio dirigido á sociedade, pelo seu delegado em Alpedrinha, o sr. Antonio Mendes de Mattos, sobre diversos objectos existentes no seu districto delegativo¹.

III.^{mo} sr.— Havendo-me a sociedade pharmaceutica Lusitana nomeado seu delegado, cumpre, em desempenho das attribuições (provisoriamente adoptadas) inherentes áquelle cargo, occupar-me dos objectos que concisa e successivamente vou expôr.

No concelho de Alpedrinha, comarca de Covilhã e districto de Castello-Branco, appareceu, casualmente, no valle denomi-

¹ Copia da publicação inserida n'este jornal, tomo 2.^o da 1.^a serie, 1838, pag. 600.

nado «Magdalenas», distante um quarto de legua, da primeira, e cinco e um quarto das outras povoações, uma nascente de agua sulfurosa em uso ha dezoito annos; muito transparente, fria, sabor salino e desagradavel, cheiro de ovos pões, precipita certa quantidade de enxôfre e torna-se lactea e turva em vasos fechados.

Applica-se externamente em banhos, na temperatura de 20 e 30° R., ou 80 e 90° F., para rheumatismo chronico, prurido, pustulas herpeticas e psoricas; e, internamente, para debilidade do estomago.

A camara municipal d'este concelho, que tanto se ha interessado pelo bem de seus administrados, mandou este anno construir uma casa com seu tanque para banhos.

Em uma propriedade contigua foi descoberta, no anno de 1824, por uns trabalhadores, grande quantidade de agua quente, borbulhando da cova que resultou da erradicação de um sobreiro; maravilhados elles, com tal apparição, trataram logo de entupir a referida cova e apagar quaesquer vestigios que para o futuro a indicassem. Decorreram annos sem que mais se fallasse na dita agua, até que agora a camara, sempre zelosa pelo bem publico, tem, mas debalde, prescrutado agora a sua origem.

Igualmente contém, esta villa, muitas e excellentes aguas potaveis.

No logar do Valle da Torre, concelho de Alpedrinha, d'onde dista duas leguas e meia e quatro de Castello-Branco, ha uma fonte de agua sulfurosa, dimanando de um formidavel rochedo, que fica na encosta da Ribeira de Alpreada, a meia legua do dito logar. Data a sua descoberta desde o tempo em que o infante D. Francisco, visitando estes sitios, onde, de ordinario, se occupava no exercicio da caça, por acaso lançou para a dita agua um cão atacado de rabugem, o qual safu completamente curado; e d'aqui traz o nome de *agua da fonte santa ou das virtudes*. Tem casa com tanque para banhos e ha produzido curas admiraveis.

Penamacor, cabeça de concelho, comarca de Covilhã e dis-

tricto de Castello-Branco, d'onde dista cinco leguas, possui uma fonte de agua ferrea, que deita mui diminuta quantidade, situada nas visinhanças da dita villa. A sua descoberta é antiquissima, e os seus effeitos, assaz proveitosos, fazem com que de continuo ali concorra muita gente e ainda de terras remotas.

A um quarto de legua de Castello-Branco, existe uma fonte de agua ferrea assaz frequentada.

Tambem no Monte de S. Luiz, freguezia de Escallos de Baixo, d'onde dista meia legua, e de Castello-Branco uma e meia, existe uma fonte de agua sulfurosa, muito recommendavel para molestias cutaneas.

Finalmente, em Monfortinho, concelho de Salvaterra do Extremo, comarca e districto de Castello-Branco, ha uma fonte de agua sulfurosa muito acreditada.

Não existem aqui minas, nem tão pouco fabricas.

É bastante fertil este paiz em plantas medicinaes, mas de uso tão vulgar e tão geralmente conhecidas, que não ha uma só que mereça particularisar-se, nem mesmo para commercio.

O *Rhus coriaria* (sumagre), de que muito abunda o nosso solo, constitue um ramo de commercio n'esta villa.

Deus guarde a v. s.^a Alpedrinha e delegação da sociedade pharmaceutica lusitana, em 30 de julho de 1840. — Ill.^{mo} sr. José Dionysio Corrêa, primeiro secretario da sociedade pharmaceutica lusitana. = *Antonio Mendes de Mattos*, delegado.

Centro de Documentação Farmacêutica

PHARMACIA da Ordem dos Pharmacêuticos

Emplastro calmante resolutivo

Pelo sr. Ricord

Emplastro de Vigo.....	10 gram.
Extracto de cicuta	10 »
Extracto de opio.....	1 »

F. s. a. Estenda sôbre pellica de tamanho conveniente. Aplica-se no caso de orchita ou de bubão subagudo.

Injecção anticatarrhal

Pelo sr. Triquet

Acetato de chumbo crystallizado...	0,30 gram.
Melito de rosas.....	30,00 »
Agua de rosas.....	100,00 »

Solva. Applica-se em injecções na orelha, no caso de catarro agudo, quando a dôr tem sido abrandada, pelo tratamento de sanguesugas e de cataplasmas, e que presiste só o corrimento.

Linimento contra a ozêna

Pelo sr. Hedenus

Oleo de amendoas doces.....	30 gram.
Extracto de saturno.....	4 »

Misture. Embebe-se, com este medicamento, pequenos cylindros de papel não collado, introduz-se tres por dia nas narinas, para combater a ozêna humida. Nos intervallos, sorve-se varias vezes agua salgada.

Loção contra o pityriase

Pelo sr. Bazin

Agua de semeas.....	500 gram.
Glycerina pura.....	30 »
Carbonato de soda... 25 centigram. a	1 »

F. s. a. Applica-se tres ou quatro vezes por dia. Prescreve-se tambem banhos alcalinos e banhos de vapor, os duches alcalinos e os de vapor.

Loção resolutiva

Pelo sr. dr. Gallois

Acetato de chumbo liquido.....	15 gram.
Glycerina.....	25 »
Agua de rosas.....	100 »
Agua de loureiro-cerejeira concentrada	20 »

Misture. Applica-se varias vezes por dia, no espaço de uma

hora cada vez, banha-se n'este liquido o dedo affectado de panaricio. Nos intervallos banhos, cataplasmas humedecidas d'esta loção.

Pilulas contra as affecções outaneas rebeldes

Pelo sr. Kopp

Chloreto mercurico.....	15 centigram.
Extracto de cicuta.....	4 gram.

Solva o chloreto em pequena porção de alcool, ajunte o extracto e quantidade sufficiente de raiz de alcaçús em pó, para formar massa bem homogenea, que será dividida em sessenta pilulas.

Dóse: Uma a seis por dia, augmentando-se gradualmente, para combater as doenças de pelle rebeldes.

Pilulas contra a tysica

Pelo sr. Sundelin

Chlorhydrato de ammonia.....	2,00 gram.
Opio em pó.....	0,60 »
Dedaleira em pó.....	1,00 »
Scilla em pó.....	1,00 »

F. s. a. trinta pilulas. Uma, de seis a seis horas, para abrandar a tosse e facilitar a expectoração, no primeiro periodo da tysica pulmonar.

Pó absorvente

Pelo sr. dr. Gallois

Oxydo de magnésio.....	2 gram.
Bicarbonato de soda.....	4 »
Cré preparada.....	5 »
Assucar em pó.....	10 »

Misture e divida em dez dóses. Uma dóse, meia hora antes de cada uma das duas principaes refeições, na dyspepsia acida.

Pó antidyspeptico

Pelo sr. Guipon

Ferro reduzido pelo hydrogenio... 30 centigram.

Oxydo de magnésio..... 20 »

Rhuibarbo em pó..... 20 »

Misture para uma dóse, que será ingerida immediatamente antes das duas principaes refeições, no caso de dyspepsia acida das mulheres chloro-anemicas. As doentes tomarão tambem, de manhã e de tarde, duas horas antes das refeições, uma chavena de macerado de lupulo e de quassia preparado a frio.

Pó contra a otorrhéa

Pelo sr. Bonnafont

Azotato de prata fundido..... }
Talco..... } aã 5 gram.

Lycopodio em pó..... }

Misture e conserve em vidro escuro. Applica-se no conducto auditivo, no caso de otorrhéa.

Pó contra a tosse

Pelo sr. Guéneau de Mussy

Gomma arabica em pó..... 9 gram.

Raiz de belladona em pó..... 1 »

Misture. Administra-se este pó, dez a doze vezes por dia, até produzir effeito calmante, aos doentes que têm tosse fatigante e de accesso, com expectoração quasi nulla, e aos typhicos que soffrem titillação laryngea, com accessos de tosse sécca e penosa.

Poção contra a pneumonia

Pelo sr. Laboulbène

Julepo gommoso..... 125,00 gram.

Tartaro emetico..... 0,15 »

Dedaleira em pó..... 3 a 0,10 »

Xarope diacodio..... 15,00 »

F. s. a. Administra-se ás colhères, de duas a duas horas, na pneumonia aguda franca.

Poção contra a pneumonia das creanças

Pelo sr. Stierlin

Carbonato de ammonia.....	1 gram.
Agua distillada.....	50 »
Xarope de gomma arabica.....	10 »

F. s. a. Administra-se ás colhêres das de café, primeira-mente de hora a hora, depois, de duas a duas horas, ás creanças de oito mezes pouco mais ou menos, affectadas de pneumonia. Quando a creança é mais idosa, começa-se por um vomitorio. Mais tarde, quando a febre tem cedido, favorece-se a expectoração, administrando-se o enxôfre dourado de antimonio e o acido benzoico.

Pomada antiherpetica

Pelo sr. Ricord

Turbith mineral.....	1 gram.
Alcatrão.....	4 »
Cerato de enxôfre.....	30 »

F. s. a. Unções ligeiras, de manhã e de tarde, para combater o lichen, o psoríase e o herpes circinnado. Nos casos de psoríase rebelde, dar-se-ha internamente os preparados arsenicaes.

Pomada antinervalgica

Pelo sr. Bourdon

Cera branca.....	15,00 gram.
Oleo de amendoas doces.....	5,00 »
Banha preparada.....	20,00 »
Chloroformio.....	12,00 »
Acetato de morphina.....	0,10 »

F. s. a. Unções, varias vezes por dia, sobre as regiões affectadas de dôres nervalgicas ou rheumaticas.

Pomada contra o prurigo

Pelo sr. Girou de Buzareingues

Alcatrão.....	15 gram.
Laudano de Rousseau.....	2 »
Banha preparada.....	60 »

F. s. a. Fricções, de manhã e de tarde, contra o prurigo. Depois de algumas applicações, o prurigo desiste e a cura não tarda a estabelecer-se definitivamente.

Pomada parasitocida

Pelo sr. Hardy

Coldcream.....	30 gram.
Enxôfre sublimado e lavado.....	2 »
Camphora.....	1 »

F. s. a. Fricciona-se, de manhã e de tarde, as regiões do corpo invadidas pelos parasitas. Applica-se tambem banhos sulfurosos.

Soluto contra as nervalgias dentarias e faciaes

Pelo sr. dr. Gallois

Extracto de belladona.....	} aã 1 gram.
Extracto de estramonio.....	
Extracto de opio.....	
Agua de loureiro-cerejeira.....	12 »

F. s. a. Introduza quatro a dez gotas d este soluto no ouvido, tapa-se este com algodão e inclina-se a cabeça para o lado opposto. Esta acção toda local será utilmente secundada por sinapismos collocados sôbre os membros inferiores.

Soluto contra a ozêna

Pelo sr. dr. Gallois

Permanganato de potassa.....	2,50 gram.
Agua distillada.....	250,00 »

Solva. No caso de ozêna, injecta-se este soluto nas narinas, por meio do apparatus pulverizador. Se o doente é escrofu-

loso, administra-se-lhe ao mesmo tempo depurativos e oleo de figado de bacalhau.

Topico resolutivo e sedativo

Pelo sr. Diday

Extracto de belladona..... 6 gram.

Tinctura de iodo..... 6 »

Amolleça o extracto com quinze ou vinte gotas de agua e ajunte a tinctura.

Este topico adhere á pelle, actua por muito mais tempo e com mais efficacia que uma pomada. Estende-se sôbre a epiderma por meio de um pincel.

Conforme o sr. Diday, este medicamento é particularmente util no tratamento das epididymitas, quando a inflammação aguda tem sido applicada pelas emissões sanguineas e os banhos.

J. D. CORRÊA.

CHIMICA

Doseamento do tartarato de cal natural nos tartaros brutos

Pelo sr. Scheurer-Kestner

O doseamento do tartarato de cal faz-se, quasi sempre, precipitando o tartaro, dissolvido no acido chlorhydrico, pela soda ou pela potassa caustica.

Este processo dá resultados satisfactorios, quando a materia a analysar está isenta de sulfato de cal; no caso contrario os resultados são erroneos, e o unico recurso a empregar é fazer o doseamento do acido tartarico total e transformar em sal calcareo todo o acido tartarico contido nos tartaros.

Para se proceder a esta analyse, dissolve-se o tartaro no acido chlorhydrico, filtra-se o soluto, neutralisa-se este com o de soda caustica e depois precipita-se pelo chloreto de calcio. O precipitado será lavado, calcinado, e o carbonato de cal obtido graduado pelos processos ordinarios.

Separadamente, calcina-se uma quantidade determinada do tartaro submettido á analyse e doséa-se a potassa pelo soluto acido graduado. Em virtude d'estas duas premissas, é facil determinar as quantidades respectivas de bitartarato de potassa e de tartarato de cal que se encontram na substancia analysada.

(Journal de pharmacie et de chimie.)

Preparação do hydrogenio sulfurado puro para as analyses toxicologicas legaes

O hydrogenio sulfurado, preparado com as materias brutas, contém muitas vezes arsenico.

O sr. R. Otto aconselha preparar este gaz empregando-se sulfureto de calcio, diluido em pouca agua, e decompô-lo pelo acido chlorhydrico puro, deitado gota a gota sôbre o mesmo sulfureto; estabelecendo-se uma corrente tranquilla e regular de hydrogenio sulfurado puro.

(Berichte der deutschen chem.)

Novo hemostatico

O novo hemostatico, preparado pelo sr. Carlo Pavesi, tem obtido uma reputação bem merecida, e consiste em acido sulfocarbólico, 25; alcool, 25; acido benzoico, 5; acido tannico, 5; glicerina, 25; agua de rosas, 200.

Prepara-se o acido sulfocarbólico misturando-se uma parte de acido sulfurico com parte e meia de acido carbólico e aquecendo-se durante alguns minutos a banho de agua; solva-se o acido benzoico no alcool e a glicerina, e o acido tannico na agua. A mistura é clara, côr de palha; sabor acido, nem caustico nem irritante; coagula a albumina, o leite e o sangue.

(American journal of pharmacy.)

Separação do manganez e do ferro

Os srs. Beilstein e Jawein recommendam o seguinte processo, pela sua simplicidade e rapidez de execução. Dissolva

a mistura salina do manganez e do ferro no acido azotico concentrado, leve á ebullição, ajunte regularmente, em pequenas porções, chlorato de potassa e prolongue a ebullição. Passado pouco tempo precipita-se o manganez; o precipitado retém ainda pequena quantidade de ferro, redissolva-o no acido chlorhydrico e precipite de novo pelo mesmo tratamento com o acido azotico e o chlorato de potassa.

O bioxydo de manganez assim obtido só retém vestigios de ferro excessivamente fracos, de nenhuma importancia no doseamento ulterior do manganez pelo soluto graduado de iodo.

(*Ber. d. d. chem. Gesellsch.*)

J. D. CORRÊA.

VARIEDADES

Destruição das formigas. — O sr. Tillon applica, com um pincel, no pé de cada arvore, uma faixa circular de alguns centímetros de altura, com o preparado seguinte: Emprega-se 250 grammas de sedimento de qualquer oleo, derreta-se-lhe banha a mais ruim ou sebo ordinario, ajunte 64 grammas de alcatrão; quando a fusão esteja completa, tira-se do lume e, quasi fria, addicione a este preparado 128 grammas de terebinthina.

Sociedade de pharmacia de Paris. — (Sessão de 8 de janeiro de 1879.)

O sr. Petit expoz á sociedade um novo processo de fazer, em duas horas, o doseamento da morphina no opio.

O sr. Bourgoïn, a proposito d'esta exposição do sr. Petit, observou que, nas analyses de opio, a quantidade de ammonia liquida empregada é muito importante, principalmente quando a proporção de morphina é pouco consideravel.

O sr. Yvon occupou-se das experiencias effectuadas no mesmo sentido, e terminou que se póde applicar o polarymetro á analyse das misturas de morphina e de narcotina, tendo-se em consideração que a narcotina addicionada de um acido muda de poder rotatorio.

O sr. Petit apresentou duas amostras de supposto sulfato de eserina, cuja origem é desconhecida; as quaes, uma produziu soluto branco e a outra soluto trigueiro.

O sr. Planchon offereceu alguns productos vegetaes interessantes: um d'elles, denominado Cainza, é a raiz do *Securidara volubilis* (polygaleas); a parte de um tronco de arvore de cheiro muito aromatico, o *Elaphrium* (terebinthaceas); a resina em lagrimas brancas, brilhantes, translucidas, conhecida por *Estoraque da America do Sul*.

O sr. Vigier exhibiu uma amostra de pimenta artificial, que lhe fôra remettida pelo sr. Plauchud, de Forcalquier, a qual é composta de substancias que a pimenta negra é absolutamente estranha.

(Sessão de 5 de fevereiro de 1879.)

O sr. Stanislas Martin offereceu á sociedade uma porção de minerio argentifero.

O sr. Lefort, em nome do sr. Brelet de Cusset, apresentou um trabalho sôbre a analyse das urinas.

O sr. Yvon offereceu um exemplar da *Art de formuler*, obra que elle acaba de publicar.

O sr. Méhu annunciou haver recebido do sr. Andouard, de Nantes, uma serie de analyses de calculos urinaes.

O sr. Vigier indicou uma pequena modificação por elle empregada na formula do linimento de Rosen, introduzindo n'este preparado 1 gramma de oleo de ricino, que o tornou perfeitamente emulsionado e difficil de separar-se.

O sr. Planchon deu conta de algumas experiencias feitas sôbre a casca amarga de Porto-Rico, empregada na fabricação da cerveja. Esta casca é da *Colubrina reclinata* de Richard, a qual se acha descripta na excellente obra de Mérat e De Lens.

O sr. Yvon criticou o processo de doseamento rapido da morphina, do sr. Petit.

O sr. Wurtz, tendo visto operar o sr. Petit, affirmou que o doseamento da morphina é sufficientemente exacto e possivel no tempo indicado pelo auctor.

O sr. Mèhu referiu incidentalmente que, das experiencias por elle feitas nos extractos de materias fecaes pelo ether, havia obtido compostos dos etheres gordos, possuindo algumas vezes cheiro agradavel.

Verniz para as madeiras dos moveis. — Sandaraca, 400 grammas; mastica, 200 grammas; gomma lacca em folhas, 400 grammas; alcool a $36^{\circ}, 3\frac{1}{2}$ litros. Tritura-se as resinas e proceda-se á soluçào no alcool, com auxilio de calor a banho de agua e agitando continuamente. Quando a madeira è poroza ajunta-se 200 grammas de terebinthina.

Massa para encher os vazios dos dentes cariadados. — Oxydo de zinco, 16; vidro porphyrisado, 4. Misture, à parte, chloreto de zinco liquido, 20; acido azotico, 2. Faça massa branda, com os pós e quanto baste da ultima mistura liquida, e introduza-a immediatamente na cavidade do dente onde-se tornará dura passados poucos minutos.

Escola de medicina e de pharmacia de Rouen. — A cadeira de pharmacia e noções de toxicologia passou a denominar-se cadeira de pharmacia e materia medica, e a cadeira de chimica medica tomou o titulo de cadeira de chimica e toxicologia.

Conservação dos passaros e dos pequenos quadrupedes. — Enche-se a pelle do animal com algodão em rama ou estopa; e, para preserval-a dos bichos, emprega-se o sabão arsenical preparado da maneira seguinte: acido arsenioso, 32; carbonato de potassa, 12; agua distillada 32; sabão branco, 32; cal viva, 4; camphora, 1. Ferva a agua com o acido arsenioso e o carbonato de potassa; feita a soluçào ajunte o sabão muito dividido, depois a cal e a camphora.

Modo de alimpar os objectos de cobre dourado. — Agua, 125; aguardente, 50; carbonato de soda, 7; giz, 15. Faça massa e applique-a com um panno sobre o objecto e, depois de sècca, esfrega-se com escova macia.

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Parecer da comissão de pharmacia sobre os quesitos enviados á sociedade pelo socio o sr. Jeronymo Joaquim da Silva Guimarães e approved em sessão de 30 de dezembro de 1879

Senhores:— Á vossa comissão de pharmacia foi presente a consulta do nosso digno collega e consocio o ex.^{mo} sr. Jeronymo Joaquim da Silva Guimarães, de Marco de Canavezes, na qual propõe dois quesitos para esta sociedade resolver.

Sobre o assumpto apresentado somos de parecer¹:

1.^o Que o valor taxado no regimento dos preços dos medicamentos, approved por decreto de 24 de julho de 1866, sobre as pilulas de Blaud, refere-se á formula inserta no *Codigo pharmaceutico lusitano*, auctorisado por decreto de 14 de fevereiro de 1861.

É certo que, em differentes obras publicadas, se encontram dissimilhanças nos componentes das mencionadas pilulas; mas, quando a prescripção do medico não fizer referencia a alguma das ditas obras, dever-se-ha inferir que é a formula descripta na *Pharmacopéa legal*.

2.^o Que os preços das pilulas de Blaud, que fõrem pedidas de outras pharmacopéas ou formularios, só poderão ser taxados pela fórma determinada nas advertencias do regimento em vigor.

Em presença do que fica exposto a sociedade resolverá o que melhor lhe aprouver.

¹ Quesitos a que se refere o parecer:

1.^o O preço-taxado no regimento para as pilulas de Blaud é relativo á verdadeira formula do auctor, ou áquella que com a mesma denominação vem no codigo?

Na primeira hypothese, qual é a verdadeira formula?

2.^o Fazendo differença tantas formulas que com a mesma denominação se hão publicado, qual o preço que, em face do regimento, se deve fazer á pedida do seguinte modo, e por isso mesmo assim preparada: Pilulas ferruginosas de Blaud, (Chernoviz) 50. — *Jeronymo Joaquim da Silva Guimarães*.

Gabinete da comissão de pharmacia, em 22 de novembro de 1879. — O director, *José Dionysio Corrêa* — *João de Jesus Pires* — *Joaquim Simões Serra*.

Parecer da comissão encarregada de estudar as propostas do sr. J. D. Corrêa sobre a reforma da lei de saude na parte relativa á pharmacia, approvado em sessão de 28 de janeiro de 1880

Senhores: — A comissão que elegestes para estudar as propostas do nosso consocio benemerito o sr. José Dionysio Corrêa sobre a lei de saude, na parte respectiva á pharmacia, vem hoje, depois de madura e detidamente estudado o assumpto, dizer-vos qual é a sua opinião sobre elle.

Senhores, nas propostas do nosso illustrado consocio revela-se mais uma vez o muito desejo que s. ex.^a nutre de ver a classe livre das peias que lhe embaraçam os movimentos, e não a deixam gosar da liberdade e consideração a que tem direito; mas, forçoso é dizel-o, o meio que s. ex.^a deseja que empregemos é que não conduz ao appetecido resultado. Sim, senhores, se a sociedade fizer um projecto de reforma no sentido indicado nas propostas, e o apresentar ao governo, verá inutilizado o seu trabalho e os seus bons desejos, porque o poder executivo só submete á apreciação do poder legislativo projectos de lei de iniciativa sua.

Para que servirá, pois, proseguir no arduo e inglorio trabalho de fazer um projecto de lei, ou uma representação em que delineemos as principaes bases d'elle? Não será mais simples, e quiçá mais bem recebido e proveitoso, o pedido de se nomear uma comissão mixta, da qual façam parte pharmaceuticos, para estudar o assumpto e indicar ao governo quaes são as reformas de que em geral se carece na lei de saude?

Crêmos que sim, e por isso temos a honra de submeter á vossa illustrada apreciação o alvitre que melhor nos parece,

para, sem perda de tempo e de trabalho, chegarmos ao fim que nos propomos alcançar.

Lisboa e gabinete da commissão, 30 de dezembro de 1879. — *Joaquim Urbano da Veiga* — *Antonio Augusto Felix Ferreira*, relator — *João José de Sousa Telles* — *José Tedeschi* — *José Ribeiro Guimarães Drack*. — Fui presente — *José Dionysio Corrêa*.

PHARMACIA

Collyrio contra a blepharita

Pelo sr. Sichel

Borato de soda.....	1 gram.
Mucilagem de semente de marmeleiro.....	10 »
Agua de loureiro-cerejeira.....	5 »
Agua distillada.....	100 »

Solva. applica-se tres a oito vezes por dia, ou seja em instillações ou em fomentações, na blepharita simples ou escrofulosa. Começa-se por diluir este collyrio em seis vezes o seu volume de agua, depois, a miudo, chega-se a empregar puro. Purgantes repetidos, oleo de figado de bacalhau aos escrofulosos.

Gargarejo contra a salivacão mercurial

Pelo sr. dr. Gallois

Decocto de quina.....	60 gram.
Infuso de salva.....	60 »
Chlorato de potassa.....	4 »
Acido chlorhydrico.....	8 gotas.
Xarope de casca de laranja.....	30 gram.

F. s. a. Aconselhado contra a salivacão mercurial. As ulcerações das gengivas serão tocadas levemente com azotato de prata.

Glycerado antirreumatismal

Pelo sr. Delieux

Extracto de belladona.....	5 gram.
Açafrão em pó.....	5 »
Glycerado commum.....	40 »

F. s. a. Uncções, varias vezes por dia, para abrandar as dôres rheumatismaes, nervalgicas e mesmo gottosas.

Linimento antirreumatismal

Pelo sr. dr. Gallois

Sabão branco.....	40 gram.
Opio bruto.....	12 »
Camphora.....	25 »
Essencia de alecrim.....	5 »
Alcool rectificado.....	250 »

Misture o sabão e o opio no alcool, durante seis dias, filtre, ajunte a camphora e a essencia, e agite para obter o soluto.

Emprega-se em fricções lentas, sôbre as articulações dolorosas.

Linimento contra a amaurosa

Pelo sr. Sichel

Espirito de alecrim.....	30 gram.
Balsamo de Fioravanti.....	15 »
Essencia de alfazema.....	1 »

Misture. Tres fricções sôbre as fontes, com uma colher das de café d'este linimento, nos casos de amaurosa causada pelo abuso do tabaco. Vesicatorios repetidos sôbre as regiões frontal e temporal, laxativos.

Loção contra a tinha

Pelo sr. dr. Gallois

Sulfato de cobre.....	0,60 gram.
Agua distillada.....	24,00 »

Solva e filtre. Para lavar a cabeça das pessoas atacadas de tinha.

Mistura anti-escrofulosa

Pelo sr. dr. Gallois

Iodeto de potassio	5,00 gram.
Chloreto de ammonia.....	2,50 »
Xarope de genciana	500,00 »

F. s. a. Duas colheres por dia, em meia chavena de tisana de viola tricolor, ás creanças lymphaticas e escrofulosas. Passeios ao ar livre, gymnastica, alimento nutritivo.

Mistura anti-espasmodica

Pelo sr. Grinrod

Ether sulfurico.....	15,00 gram.
Espirito ammoniacal aromatico.....	15,00 »
Acetato de morphina	0,03 »
Mistura camphorada.....	60,00 »

Misture. Uma colher das de café, em pequena porção de agua, para combater os espasmos.

Mistura contra a escarlatina

Pelo sr. dr. Gallois

Carbonato de ammonia.....	2,50 gram.
Tinctura de opio camphorado.....	6,00 »
Vinho de ipecacuanha.....	12,00 »
Agua distillada.....	150,00 »

Solva. Uma colher das de sopa, todas as quatro ou seis horas.

Este remedio é usado na America, contra a escarlatina. A colher d'esta mistura é deitada em tres colheres de agua com assucar, adicionando-se 4 grammas de sumo de limão, e deve ser bebida durante a effervescencia.

Pó contra o rachitismo

Pelo sr. Bouchut

Phosphato de cal.....	4 gram.
Carbonato de soda.....	8 »
Assucar de leite.....	12 »

M. s. a. Tres pitadas a cada comida, ás creanças rachiticas. Oleo de figado de bacalhau, banhos salgados e aromaticos, fricções sôbre a pelle, com flanela impregnada de vapores aromaticos.

Pó contra a urticaria

Pelo sr. Porcher

Oxydo de zinco em pó.....	4 gram.
Camphora em pó.....	4 »
Fecula de batata.....	80 »

Misture. Lava-se repetidas vezes a pelle com infuso tepido de flor de sabugueiro, depois, sem enxugar, polvilha-se com a mistura supra.

Nos casos rebeldes, e para evitar as recaidas, o auctor recommenda os preparados arsenicaes interiormente.

Pó para destruir as vegetações

Pelo sr. Velpeau

Alumen calcinado em pó.....	20 gram.
Sabina em pó.....	10 »

Misture. Polvilha-se as vegetações, de manhã e de tarde, com este pó; e, se o doente tem soffrido de syphilis, administra-se-lhe ao mesmo tempo um preparado mercurial.

Pó para destruir as verrugas

Pelo sr. dr. Gallois

Sabina em pó.....	} aã partes iguaes
Verdete em pó.....	

Misture.

Poção antirreumatismal

Pelo sr. Martineau

Chloreto de ammonia.....	0,50 gram.
Agua de tilia.....	100,00 »
Agua de hortelã pimenta.....	40,00 »
Xarope de casca de laranja.....	30,00 »

F. s. a. Para tomar todos os dias, as pessoas affectadas de reumatismo articular agudo.

O dr. Delieux acha muito fraca a dôse de 50 centigrammas de chloreto de ammonia, e propõe seja elevada até 4 e mesmo 10 grammas.

Poção anti-escorbutica

Pelo sr. dr. Gallois

Espirito de cochlearia.....	10 gram.
Sumo de limão.....	50 »
Agua de hortelã pimenta.....	150 »
Xarope de quina.....	50 »

Misture. Uma colher, de hora a hora, no escorbuto e a purpura hemorrhagica.

Poção calmante anti-espasmodica

Pelo sr. Velpeau

Agua de tilia.....	120 gram.
Laudano de Sydenham.....	10 gotas
Ether sulfurico.....	4 gram.
Xarope de casca de laranja.....	30 »

Misture. Administra-se em duas ou tres porções, com uma hora de intervallo, aos doentes que tenham soffrido operação ou quedas perigosas.

Poção contra a ulcera estomacal

Pelo sr. Guéneau de Mussy

Subzotato de bismutho.....	2,00 gram.
Extracto de belladona.....	0,10 »
Julepo gommoso.....	125,00 »

F. s. a. Para dar ás colheres, nas vinte e quatro horas, a fim

de suspender os vomitos no caso de ulcera simples do estomago. Regimen lacteo. Se os vomitos persistem, applica-se na região epigastica um emplastro composto de partes iguaes de extracto de belladona e de theriaga, que será renovado todos os dois ou tres dias.

Pomada contra as pustulas variolicas

Pelo sr. Revillod

Sabão medicinal..... 10 gram.

Glycerina..... 4 »

Triture ambas as substancias e ajunte:

Unguento napolitano..... 20 gram.

F. s. a. Esta pomada faz abortar as pustulas variolicas do rosto, quando seja applicada desde o começo ou, pelo menos, antes da transformação das papulas em vesiculas.

Pomada contra a tinha

Pelo sr. Bazin

Turbith mineral..... 1 gram.

Banha preparada..... 30 »

F. s. a. Uma unção por dia, no tratamento da tinha e da sycosa. É necessario ter cuidado, primeiramente, de limpar bem a cabeça, fazer cair as crostas depois de praticar a epilação. Uma camada de oleo de cade, applicada primeiramente sobre o couro cabelhado, diminue consideravelmente a sensibilidade e facilita a avulsão dos cabellos.

Suppositorio contra o vaginismo

Pelo sr. Guéneau de Mussy

Brometo de potassio..... 30 centigram.

Extracto de belladona..... 10 »

Oleo de cacão..... 2 gram.

F. s. a. um suppositorio. Aconselhado contra o vaginismo e a hyperesthesia vulvaria.

Formulas mais usadas na clinica ophthalmologica do professor von Arlt, de Vienna

1.—R. Extracto aquoso de aloès..... }
 Extracto de celidonia..... } aã 35 centigram.
 Agua distillada..... 5 gram.
 Collyrio contra as manchas da cornea.

2.—R. Sulfureto de cadmio..... 5 centigram.
 Agua distillada..... 5 gram.
 Collyrio, usado como o n.º 1.

3.—R. Veratrina..... 5 decigram.
 Unguento emolliente..... 10 gram.
 Pomada, na paralysis rheumatica.

4.—R. Precipitado branco de mercurio..... }
 Oxydo de zinco..... } aã 20 centigram.
 Unguento emolliente..... 5 gram.
 Pomada na fórma ulcerosa da blepharadenita.

5.—R. Precipitado amarello de mercurio..... 20 a 30 centigram.
 Laudano de Sydenham 5 gotas
 Unguento emolliente..... 5 gram.
 Pomada antiophthalmica, usada como o n.º 4.

6.—R. Precipitado amarello de mercurio..... 1/2 gram.
 Unguento emolliente..... 10 »
 Pomada, nas conjunctivitas lymphaticas (quando o doente não pode ir consultar o medico), para pôr uma pequena porção do volume de cabeça de alfinete na conjunctiva, invertida a palpebra.

7.—R. Tinctura de arnica..... 5 gram.
 Espirito de alecrim..... 50 »
 Para fomentações, nas ecchymosas da conjunctiva.

(Periodico de ophthalmologia pratica, 1880.)

Acido borico nas doenças de pelle

O sr. Neumann aconselha o emprêgo do acido borico em certas dermatosas. Prescreve o seu soluto aquoso nas doenças parasitarias, o soluto alcoolico nas affecções pruriginosas, taes como a urticaria e o prurido, e applica-lhes unccões com este acido em pomada, em todas as fórmas do eczêma. Os solutos, aquoso e alcoolico, são dados com esponja ou pincel, e bem assim o pó do mesmo acido borico espargido sôbre as superficies doentes. Na pityriase e o herpes tonsurante, emprega solutos de 10-20 : 300, adicionados de 2,5 a 30 de essencia de cravinho; no eczêma um unguento de 10 : 50.

(*Journal de thérapeutique.*)

J. D. CORRÊA.

CHIMICA

Analyse chimica qualitativa e quantitativa da agua extrahida do segundo cylindro a leste da ponte do arsenal da marinha, feita pelo sr. dr. Joaquim José Alves.

Pela primeira direcção da secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar, em officio de 16 de julho do corrente anno, foi pedida ao conselho de saude naval a analyse chimica de uma agua que corre de um dos cylindros situados na extremidade da ponte do arsenal da marinha. O conselho dignou-se confiar-nos este trabalho de que apresentamos hoje os resultados.

A ponte do arsenal da marinha é toda de ferro, tem 75 metros de extensão fóra do muro do caes, e é sustentada por cylindros tambem de ferro. Dois dos cylindros da extremidade da ponte, situados a leste, têm 25 metros de altura, e mergulhando na agua do Tejo entram 11 metros em terreno fixo, e assentam sobre uma formação de rocha d'onde brota uma nascente de agua que, atravessando o interior dos cylindros, é extrahida por uma bomba de ferro fundido fixa, tirando a agua n'um tubo de folha de ferro.

Ensaíos junto á origem

Propriedades physicas. — Uma porção de agua lançada em um copo de vidro apresentou-se clara ¹, com um cheiro particular, apenas sensível e não repugnante, que perde pela exposição ao ar, e é de sabor não desagradavel. Não alterou o papel azul de tornasol, manifestou porém reacção alcalina passados sete minutos de contacto com o papel de tornasol avermelhado pelos acidos. O papel impregnado de acetato de chumbo tambem não soffreu alteração depois de algum tempo de immergido na agua. A temperatura, observada ás quatro horas da tarde do dia 6 de agosto, era á sombra de $+ 20^{\circ}$, sendo a do ar ambiente de $+ 21,5^{\circ}$.

Quando agitada, dentro de um frasco de vidro, produziu bolhas que se destruíam com facilidade.

Tratada pelo hydro-soluto de cal apresentou um ligeiro precipitado branco, insolavel em excesso da agua.

Com a solução alcoolica de sabão produziu uma ligeira turvação.

Uma gota de tintura de pau campeche manifestou pouco a pouco coloração violeta, indicio da existencia de bi-carbonatos. Algumas gotas de chlorreto de oiro communicaram á agua côr amarella, que a ebullicão não alterou, indicando isto não conter materias organicas em quantidade sensível.

Uma porção de agua acidulada com acido sulphurico, e tratada pelo sulphato de protoxido de ferro não manifestou a presença de azotatos.

Com o fim de verificarmos se a agua da ponte do arsenal da marinha continha o gaz sulphydrico procedemos aos seguintes ensaios:

1.º Aconselhado por Gerhardt et Chancel: lançámos uma gota de nitro-prussiato de soda na agua adicionada de um ligeiro excesso de potassa, não havendo formação de côr pur-

¹ Em outra occasião que observámos a agua junto á origem apresentou-se ligeiramente turva.

purea, que se manifestou n'uma agua sulphydrica que tomámos para ensaio comparativo.

2.º Processo aconselhado por Frezenius. — Digerimos em um balão uma porção de agua com um excesso de magnesia, e fervemos, fazendo passar os vapores produzidos para um balão convenientemente arrefecido, contendo uma solução de acido arsenioso em chlorhydrico sobresaturado de potassa caustica, e não notámos formação de precipitado algum, nem mesmo mudança de côr no liquido, devendo acontecer o contrario se a agua contivesse sulphydrico.

3.º Recorremos ainda, para descobrir a mais pequena quantidade de gaz sulphydrico, ao processo de Dupasquier, empregando o licor iodado de Filhol, aconselhado por Ossian Henry, notando que a primeira gota d'este licor lançada em 1 litro de agua a ensaiar, adicionada de uma solução clara de amido, se formou logo coloração azul permanente.

Estes ensaios feitos repetidas vezes, e em dias diferentes, deram sempre resultados identicos.

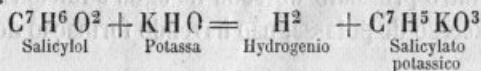
(Continúa.)

(Diario do governo de 26 de setembro de 1866).

Sobre o acido salicylico

Este acido da formula $C^7H^6O^3$ existe inteiramente formado nas flores da rainha dos prados, *spiraea ulmaria*: faz igualmente parte do oleo de Wintergreen, onde existe no estado de ether méthylico. Obtem-se igualmente n'um certo numero de reacções.

Modo de formação. — 1.º O acido salicylico forma-se quando se oxida o salicylol ou o hydruretó de salicyla, fazendo aquecer este ultimo corpo com o oxido de cobre, ou tratando-o pelo acido chromico aquoso. Póde ainda converter-se o salicylol em acido salicylico, fundindo-o com o hydrato de potassio:



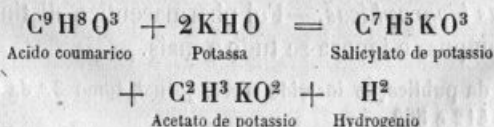
2.º Forma-se ainda o acido salicylico quando se aquece o anil a 300º com o hydrato de potassio; verdade é, que este

modo de preparação não satisfaz sempre. Se a acção da temperatura não é prolongada por muito tempo, não se forma mais que o acido phenylcarbonico; se se prolonga por muito tempo forma-se uma substancia negra.

3.º O acido salicylico forma-se por synthese quando se faz passar uma corrente de acido carbonico secco sobre o phenol, no qual se faz dissolver ao mesmo tempo dois pequenos fragmentos de sodio. Como se formão juntamente outros productos, e que alem d'isso não se poderia explicar theoreticamente como se produziria o acido salicylico pela fixação do acido carbonico sobre o phenato de sodio, é necessario admitir que quando se faz actuar o sodio sobre o phenol, uma porção de metal se substitue ao hydrogenio não typico. Esta opinião é tanto mais fundada, quanto se obtem, segundo parece, *ether salicylico*, tratando o phenato de ethyle pelo acido carbonico e o sodio. Se assim acontece, a reacção torna-se das mais simples: o anhydrie carbonico fixa-se sobre o phenol sodado, no qual o sodio se acha então substituido por CO^2Na .

4.º O acido *salicylico* forma-se ainda pela acção do acido azotoso sobre o acido que se designa geralmente com o nome de phenylcarbonico, e que na realidade, não é mais que o acido salicylamico. A reacção é a mesma que a que transforma todos os amides em seus acidos respectivos. Griss, pela acção do acido azotoso sobre o acido phenylcarbonico, obteve primeiro um acido que denomina diazosalylazotico e que corresponde á formula $\text{C}^{14}\text{H}^9\text{Az}^5\text{O}^7$; é este ultimo que aquellido em presença da agua, absorve duas moleculas d'este liquido, perde uma molecula de acido azotico e quatro atomos de azote, e deixa duas moleculas de acido salicylico.

5.º O acido coumarico fornece uma mistura de salicylato e de acetato de potassio quando se funde com a potassa:



6.º O salicylato neutro monométhylico ou oleo de Wintergreen resolve-se em iodureto de méthyle, e em acido *salicylico*, quando se aquece n'uma corrente de acido iodhydrico gazoso.

7.º O acido iodosalicylico decompõe-se mesmo abaixo de 100º, debaixo da influencia do acido iodhydrico, dando acido *salicylico*, e iodo livre.

8.º Parece emfim formar-se acido salicylico quando se funde o acido bromobenzoico com a potassa. (Continúa.)

VARIÉDADES

Bibliographia-pharmaceutica ou dos pharmaceuticos portuguezes mais notaveis, feita pelo nosso membro honorario o sr. dr. Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, de Lisboa¹.

1512. Thomé Pyres.

Noticias biographicas.— Foi boticario da casa do principe D. Affonso, passou á India portugueza em 1512 e 1515. Foi tambem nomeado embaixador ao imperador da China, aonde morreu, e com a sua morte se perderam provavelmente os apontamentos que ia fazendo ácerca das drogas d'este vasto paiz.

Obras impressas originaes.— Carta escripta de Cochim a El-Rei D. Manuel em 27 de janeiro de 1516, sôbre algumas plantas e drogas medicinaes do Oriente, e impressa no 2.º tomo do Jornal da sociedade pharmaceutica lusitana, 1839. 8.º—*N. B.* Esteve inedita até então, devendo-se a copia d'ella, tirada do archivo da torre do tomo, ao actual patriarcha o em.^{mo} sr. D. Fr. Francisco de S. Luiz.

1692. José Homem de Andrade.

Noticias biographicas.— Foi pharmaceutico distincto d'aquelles tempos, e ignora-se tudo o mais.

¹ Copia da publicação inserida n'este jornal, tomo 3.º da 1.ª serie, 1842, pag. 412 e 562.

Obras impressas originaes:

1.^a Apologia pharmaceutica pela verdadeira trituração da jalapa e dos aromaticos discutientes, que entram na composição da benedicta; e pela operação do unguento apostolorum de Avicena, em ordem a se lhe não accrescentar mais verdete, do que seu auctor pede na dita composição. *Lisboa*: por Bernardo do Costa Carvalho, 1694, 4.^o

2.^a Segunda parte apologetica pela trituração da jalapa e todos os mais medicamentos, segundo a ordem dos canones universaes de Messue, e sua verdadeira exposição. *Lisboa*: por Bernardo da Costa Carvalho, 1694, 4.^o

Manuscriptos:

1.^o Encyclopedja pharmaceutica. Ms. fol.

2.^o Manipulas medicinarum. Ms. 4.^o

3.^o Officina medica morborum. Ms. 4.^o

4.^o Theorica pharmaceutica, in qua continentur regulæ et præcepta, ut melius simplicia cognoscantur, et composita conservantur. Ms. 4.^o

5.^o Ramilhete de plantas, escripto em lingua castelhana. Ms. 4.^o

Barb. Bibl. Lus. tom. 2.^o, pag. 861.

1700. Manuel Gomes Leal.

Obras impressas originaes.— Tratado do regulo de antimonio, ou calix chimico com as experiencias dos mais insignes auctores, que d'elle usaram e escreveram. Propõe-se tambem uma advertencia, que deve haver nas aguas communs e distilladas, e insinua-se o modo mais facil e proveitoso para as distillar. *Lisboa*: por Antonio Pedroso Galvão, 1705, 8.^o

Manuscriptos.— Nenhuns, á excepção de um Ms. que prometteu (no prologo da obra acima) dar maior extensão a esta obra, que comprehende em um volume segredos particulares, e em outro volume das principaes causas das enfermidades, com remedios efficazes para a sua cura, descobertos por sua propria industria.

Barb. Bibl., Lus., tomo 3.^o, pag. 278.

1729. Antonio Lopes de Lima.

Noticias biographicas.—Foi pharmaceutico em Lisboa.

Obras impressas originaes.—Remedio novo e admiravel de uns pòs sympathicos que excitam o suor. *Lisboa*: por Miguel Rodrigues, 1729, 8.º

Barb., Bibl. Lus., tomo 4.º, pag. 310.

1735. Manuel Rodrigues Coelho.

Noticias biographicas.—Foi pharmaceutico em Setubal.

Obras impressas originaes.—Pharmacopêa tubalense chímico-galenica, etc., dividida em tres partes. A 1.ª parte *Lisboa*: por Antonio de Sousa da Silva, 1735, fol. A 2.ª *ibi*. A 3.ª parte *Lisboa*: por José da Silva da Natividade, 1751, fol.

Manuscriptos.—Nenhuns, á excepção da 4.ª parte, em que estava trabalhando.

Barb., Bibl. Lus., tomo 4.º, pag. 249.

1740. Antonio Nogueira Cabral.

Noticias biographicas.—Foi pharmaceutico em Mesão Frio.

Obras impressas traduzidas.—Breve compendio, em que se manifestam as virtudes da verdadeira receita das pilulas de familia, tão decantadas no reino de Inglaterra e outros. *Porto*: na officina do padre Antonio da Costa, 1740, 4.º

N. B. Supposto que não tenha logar o nome da impressão, conhece-se pelo typo ser da dita officina.

Barb., Bibl. Lus., tom. 4.º, pag. 50.

1763. D. Caetano de Santo Antonio.

Obras impressas originaes.—1.ª Pharmacopêa lusitana. *Lisboa*: por Francisco Xavier de Andrade, 1725, fol.—2.ª Pharmacopêa bateana. *Lisboa*: 1713, 8.º—A mesma accrescentada com os segredos Goddardinos. *Pamplona*: 1763, 4.º

1772. Fr. João de Jesus Maria.

Noticias biographicas.— Pharmaceutico e monge da ordem de S. Bento em Santo Thyrso, aonde foi administrador da botica do mesmo convento.

Obras impressas originaes:

Pharmacopêa dogmatica medico-chimica, theorica e practica.

Tom. 1.º, Parte 1.ª Porto: 1757, fol.

Tom. 2.º, Parte 2.ª Porto: 1772. fol.

Manuscriptos.— Historia pharmaceutica ou Appendix á Pharmacopêa dogmatica, medico-chimica, etc., ou Tratado unico sôbre o que pertence á materia medica, physica, historia, mechanica das plantas exoticas, etc., um vol. fol. de 570 pag., que se conservava em 1777 no mosteiro de S. Bento, com as licenças para se imprimir².

1779. Fr. Christovão dos Reis.

Noticias biographicas.— Foi frade da ordem dos carmelitas descalços e pharmaceutico no convento de Braga.

Obras impressas originaes.— Reflexões experimentaes, methodico-botanicas, uteis e necessarias para os professores de medicina e enfermos, 1779, 8.º, sem logar da impressão.

1792. José Francisco Leal.

Obras impressas originaes.— Elementos de pharmacia, extrahidos de Baumé e reduzidos a novo methodo. Lisboa:

1792, 8.º—N. B. Publicados por Manuel Henriques de Paiva. Journ. de Coimbra, vol. 8.º, pag. 172.

1794. Francisco Raymundo Xavier da Costa.

Noticias biographicas.— Teve carta de engenheiro, que exercitou principalmente no juizo das capellas da corôa. Morreu em 24 de setembro de 1794.

² Este importante manuscripto existe na bibliotheca da sociedade pharmaceutica lusitana.

Obras impressas originaes. — Machina respiratoria de Madge, melhorada e aperfeiçoada nota velmente, offerecida á academia real das sciencias de Lisboa em 1790, que a mesma academia coroou com uma medalha em sessão de 17 de janeiro de 1791.

Manuscriptos. — Apologia chimico-critica e pharmaceutica aos elementos de chimica e pharmacia do dr. Manuel Joaquim Henriques de Paiva.

1821. José da Silva Pinheiro.

Noticias biographicas. — Foi pharmaceutico em Lisboa, visitador das boticas por nomeação do physico-mór do reino, um dos mais habéis chímicos portuguezes, membro da commissão de artes chímicas da sociedade promotora da industria nacional.

Obras impressas originaes:

1.^a Analyse da folha que o boticario Antonio José de Sousa Pinto publicou e distribuiu com a gazeta de 25 de setembro próximo. *Lisboa*: 1817, 4.^o folheto. — *N.B.* É tambem assignada pelos dois pharmaceuticos João Antonio Carreira e Joaquim Ignacio Moreira.

2.^a Memoria sôbre o carrapateiro do Brasil, senne e tamarindeiro, e modo de extrahir o oleo de ricino e criar a planta que o fornece, tanto para uso da medicina como das artes. *Lisboa*: 1822. (Caderno n.^o 2 de junho de 1822, dos annaes da sociedade promotora da industria nacional.)

3.^a Regimento reformado para uso dos boticarios, por ordem do barão physico-mór do reino, *Lisboa*: 1819, 4.^o

1833. Caetano José de Carvalho.

Noticias biographicas. — Foi pharmaceutico em Lisboa e depois cirurgião pela escola de cirurgia de Lisboa. Falleceu em 1833 na Torre de S. Julião da Barra, onde estava preso por opiniões politicas.

Obras impressas traduzidas:

1.^a Conhecimento pratico dos medicamentos de Lewis ou

nova pharmacopêa do mesmo auctor. Trad. do francez em vulgar. *Lisboa*: 1816, tres vol. 4.º

2.ª Formulario pharmaceutico adoptado nos hospitaes de França. *Lisboa*: 1818, 8.º

3.ª Tratado de hemorrhoidas, de Larroque. Trad. do francez. *Lisboa*: 1821, 8.º

Methodo de augmentar a vegetação da batata e preserval-a da doença.— O agricultor de Paris, o sr. Gauthier, tem empregado, com bom exito, o methodo seguinte :

Em caixotes de madeira com aberturas, para que o ar possa entrar por todos os lados, semelhantes aos que estiveram na exposição de horticultura dos Campos-Elysios, cujas dimensões são de 70 centímetros de comprimento sobre 35 de largura e 12 a 15 de profundidade, introduza os tuberculos reservados para a plantação do anno seguinte, escolhendo de preferencia os mais corpulentos, e colloque os ditos caixotes em lugar abrigado da humidade, em celleiro ou em granja, evitando-se d'este modo a quebra dos renovos.

Destruição dos insectos que accommettem as plantas nas estufas.— O sr. James Ingrand communicou, á sociedade real de agricultura de Londres, o meio de destruir os insectos que accommettem algumas vezes as plantas nas estufas. Consiste em empregar pequena porção de folhas de loureiro-cerejeira, pisal-as e deital-as á noite na entrada da estufa, nos caminhos, entre os vasos das plantas e conforme a grandeza da mesma estufa. Em doze horas de noite são sufficientes para matar os insectos, por effeito do acido cyanhydrico contido nas ditas folhas.

Maneira de melhorar as forragens.— A sociedade de agricultura de Saint-Marcellin (Isère) publicou que o sal marinho melhorava as forragens de má qualidade, agres ou de charcos.

Um agricultor descobriu que, misturando ás ditas forragens a quarta parte de boa palha de trigo e regando esta mistura com agua muito saturada de sal marinho, os bois comiam com sofreguidão e engordavam no trabalho.

Remedio contra a sarna e vermes dos gados.— Deite em vaso de barro 128 grammas de enxôfre sublimado e 500 grammas de oleo de nozes, colloque-o sôbre brazas, agite com espatula de madeira até que o enxôfre seja solvido e o oleo adquira côr vermelha escura; tire o vaso do lume e, antes do resfriamento, ajunte 125 grammas de terebinthina e misture. Molhe a rama de uma penna n'este balsamo e applique levemente sôbre o sitio inficionado de vermes.

Modo de prevenir a doença aphtosa nos animaes.— O sr. Cluzet, medico-veterinario de Montbrison (Loire), aconselha agitar bem a forragem antes de a distribuir, augmentar a ração ordinaria com a raiz de beterraba e dar todos os dias um pequeno punhado de sal. Nas estações calmosas convém lavar as manjedouras com vinagre e ter os animaes com bastante asseio.

Modo de augmentar o sustento dos gados.— Em o numero dos succedaneos do feno deve-se empregar as folhas de arvores e de plantas que costumam nutrir os ruminantes, especialmente nos annos em que as forragens são pouco abundantes.

A sociedade de agricultura de Vaucluse recommenda juntar a estas folhas as de acacia, amieira, faia, avelleira e amoreira. No Gard e no Hérault, usa-se com vantagem d'estas ultimas, no sustento dos carneiros, cabras, porcos e muitas vezes dos cavallos; e, finalmente, nas localidades muito pobres e faltas de forragens, tem-se usado das folhas de carvalho.

Lacre para sinetes.— Gomma lacca, 250; terebinthina, 100; vermelhão, 180; colophonia, 100.

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Representação pedindo a reforma do ensino
pharmaceutico

Senhor: — Uma classe numerosa, a classe pharmaceutica, vem por intermedio da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, fazer ouvir a sua voz junto do throno de Vossa Magestade para pedir — instrucção.

Não é esta a primeira vez, Senhor, que, para igual fim, nos acercámos do throno, nem será a ultima se tão momentoso assumpto não merecer a devida attenção.

Motivos poderosos, ou julgados taes, houve de certo para que apenas ficassem archivadas as nossas representações; como, porém, o que se observa prova sempre que as difficuldades apresentadas são muito inferiores ás nossas necessidades — reconhecidas sim, mas não attendidas por todos os poderes do estado — não ceixámos de vir advogar tão justa causa, que é tambem do paiz e da humanidade enferma, bem dignas uma e outra de merecerem que se olhe por ellas com paternal solicitude.

Senhor, o estado do ensino pharmaceutico no nosso paiz é tal que insistir em não melhora-lo e uniformisa-lo é uma vergonha perante a Europa! Em toda ella se cuida muito na boa organização do ensino nas escolas de pharmacia, para que o medico e o enfermo confiem cegamente no saber dos que lá se habilitam, e só em Portugal se conserva esquecida uma classe, que, alem de precisar instrucção para bem servir o publico, e secundar os esforços do medico na lucta com a morte, deve tel-a para auxiliar o progresso do paiz e o desenvolvimento da riqueza e prosperidade publicas nos muitos e variados casos em que pôde e deve fazel-o, como lá fóra succede e Vossa Magestade sabe.

Penalisa ter de dizer que a organização do ensino é em geral má no nosso paiz, mas envergonha confessar que o ensino da pharmacia está abaixo de tudo que se conhece cá e no estrangeiro.

Nada ha peor!

Para que o pharmaceutico possa ser util com os seus estudos e conselhos, com os aperfeçoamentos e descobertas de iniciativa sua, deve ter profundo conhecimento das sciencias physico-chimicas e naturaes; e, alem d'estas, para cumprir digna e conscientemente as suas importantes obrigações, e as que o estado lhe impõe e exige em muitas e variadas circumstancias, precisa saber bem: historia natural pharmaceutica, chimica pharmaceutica, analyse de drogas, toxicologia, hygiene publica e pharmacia propriamente dita.

Os conhecimentos em sciencias physico-chimicas e naturaes podem obter-se na Escola Polytechnica de Lisboa, Academia Polytechnica do Porto ou Universidade de Coimbra, matriculando-se o alumno, sendo chamado á lição, cumprindo todas as demais obrigações escolares e fazendo exame final, ainda que melhor e mais proveitoso seria para o alumno pharmaceutico, que o ensino d'aquellas sciencias se professasse em aulas especiaes, para os conhecimentos adquiridos terem logo a feição característica que, mais tarde, quando os applica, precisa dar-lhes; os que, porém, constituem a habilitação especial do pharmaceutico, o seu ensino profissional, esses devem ministrar-se-lhe em aulas privativamente creadas para elle, e regidas por pharmaceuticos, para desapparecerem os actuaes males, desvantagens e inconvenientes da frequencia de algumas disciplinas em aulas das escolas de medicina, especialmente destinadas ao ensino da profissão medica.

O que hoje respeitosa e pedimos a Vossa Magestade tem já sido dito nas nossas Representações de: 15 de feveiro de 1836, — 13 de janeiro de 1839, — 27 de dezembro de 1842, — 3 de abril de 1848, — 23 de abril de 1849, — 10 de junho de 1853, — 24 de março de 1856, — 28 de janeiro de 1859, — 10 de feveiro de 1863, — 26 de feveiro de 1866, — 1 de novembro de 1866, — 4 de feveiro de 1870, — 20 de março de 1875, — 18 de março de 1876, — 15 e 17 de março de 1879; — não é luxo de sciencia, é urgente necessidade, assim o dissemos sempre, assim o diz o parecer da

commissão de instrucção publica da Camara dos Senhores Deputados de 16 de abril de 1879, assim o diriam tambem a Vossa Magestade as escolas de medicina ultimamente consultadas.

Confiada, pois, no acrisolado amor de Vossa Magestade ao progresso; na conveniencia para o bem geral em promovelo por todos os modos para livrar o paiz da tutela e dependencia das outras nações; na justiça do seu pedido, e na impreterivel necessidade de não continuarmos a dar tão triste e lamentavel exemplo de incuria pela educação scientifica de uma classe, que tem de desempenhar tão importantes e difficeis deveres, espera a Sociedade Pharmaceutica Lusitana que este seu pedido terá favoravel deferimento.

Deus guarde por muitos annos a preciosa vida de Vossa Magestade.

Lisboa e sala das sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, 22 de abril de 1880. — *Joaquim Urbano da Veiga*, presidente — *Antonio Augusto Felix Ferreira*, primeiro secretario — *Augusto de Oliveira Abreu*, segundo secretario.

Extractos das actas das sessões litterarias

Sessão de 13 de março de 1880

Presidencia do sr. Joaquim Urbano da Veiga

Abertura ás 7 horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte

Correspondencia

Officios: — 1.º Da procuradoria regia pedindo o laboratorio para n'elle se proceder a uma analyse toxicologica. — Concedido.

2.º Do sr. Bernardo Pereira Maia, de Cabeceiras de Basto, sobre negocios de thesouraria. — Inteirada.

2.º Do sr. Julio A. Henriques, secretario da commissão

da faculdade de philosophia, de Coimbra, encarregada de erigir o monumento ao dr. Brotero, agradecendo o concurso da nossa sociedade para tal obra, e indicando o modo de se fazer a entrega do producto da subscrição. — Inteirada.

Entrou em discussão o parecer da commissão especial encarregada de responder aos quesitos apresentados pelo nosso consocio o sr. Pitta Simões.

O sr. Pires disse que não estava presente o sr. Delicioso, um dos signatarios do parecer, e como s. s.^a havia mostrado desejos de entrar na discussão, propunha que ficasse adiada para quando o sr. Delicioso o pudesse defender, caso fosse impugnado.

O sr. Corrêa disse que era conhecida de todos a vantagem de procedermos á discussão do parecer, por isso que ha muito tempo haviamos recebido os quesitos do sr. Pitta Simões e até hoje s. s.^a ignorava a opinião da sociedade a tal respeito.

O sr. Machado fez varias considerações e desejou que o parecer fosse discutido quando estivesse presente o sr. Delicioso, visto serem esses os seus desejos, desejando tambem que na sessão em que se discutisse fosse lida a acta que diz respeito á sessão, na qual se discutiu esta questão.

Foi approvedo o adiamento.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão; dando para ordem do dia da seguinte, propostas, pareceres de commissões, segundas leituras e discussão do parecer sobre os quesitos do sr. Pitta Simões; eram 8 e meia horas da noite. — O segundo secretario, *Augusto de Oliveira Abreu*.

PHARMACIA

Balsamo cicatrizante e antiseptico

Pelo sr. dr. J. Félix

Acido phenico puro. 4 gram.

Chlorhydrato de morphina. 4 »

Alcoolatura de arnica. 10 »

Alcoolatura de aconito.....	10 gram.
Balsamo peruviano.....	25 »
Glicerina distillada.....	50 »

F. s. a. Este preparado cura promptamente as ulceras e os ferimentos de má natureza; emprega-se com muita efficacia no tratamento das ulceras varicosas.

Modo de applicação: 1.º, lavar com agua tepida a ferida ou a ulcera; 2.º, deitar-lhes algumas gotas do remedio em toda a extensão da ferida ou da ulcera; 3.º, cobrir depois com uma camada assás espessa de algodão medicinal, que será conservado por uma atadura enrolada e levemente unida; 4.º, renovar este curativo todos os dias, de manhã e de tarde, se a ferida ou a ulcera fôrem consideraveis.

Clyster calmante contra a angina do peito

Pelo sr. Sée

Hydrato de chloral.....	2 a 3 gram.
Agua de alface.....	150 »
Mucilagem de gomma adragantha...	q. b.

F. s. a.

Collyrio antiescrofuloso

Pelo sr. dr. Gallois

Extracto de belladona.....	25 centigram.
Laudano de Rousseau.....	25 »
Decocto de folha de noqueira.....	50 gram.

F. s. a. Para deitar algumas gotas no olho, de manhã e de tarde, no caso de ophthalmia escrofulosa com photophobia. Oleo de figado de bacalhau e xarope antiscorbutico, tisana amarga, regimen tonico e substancial.

Collyrio belladonado

Pelo sr. Velpeau

Agua de alface.....	100 gram.
Acetato de chumbo crystallisado..	20 centigram.
Extracto de belladona.....	50 »

Solva. Deita-se algumas gotas d'este collyrio nos olhos das pessoas que têm sido operadas da catarata por depressão, a fim de impedir as adherencias entre o iris e o crystallino.

Emprega-se tambem, para o mesmo fim, o soluto seguinte :

Agua distillada.....	10 gram.
Extracto de belladona.....	4 »

Solva. Deita-se, de quatro em quatro ou cinco dias, algumas gotas d'este soluto no olho operado, para conservar a pupilla dilatada e facilitar a absorpção dos fragmentos do crystallino e da sua capsula.

Collyrio contra a conjunctivita diphtheritica

Pelo sr. dr. Gallois

Agua de rosas.....	125,00 gram.
Acido tannico ou borato de soda ..	0,25 »

F. s. a. Para lavar os olhos todas as horas, na conjunctivita diphtheritica. Começa-se pela applicação de sanguesugas nas fontes; praticar-se-ha, se fôr necessario, escarificações á conjunctivita e conservar-se-ha compressas frias sôbre as palpebras.

Collyrio contra a mydriasa

Pelo sr. Gusco

Sulfato de eserina.....	5 centigram.
Agua distillada.....	10 gram.

Solva. Uma gota no olho doente.

Collyrio iodado

Pelo sr. Boinet

Tinctura de iodo.....	10,00 gram.
Tannino.....	0,10 »
Agua de rosas.....	25,00 »

F. s. a. Para injectar nos pontos lagrimaes e deitar algumas gotas no grande angulo do olho, para combater a fistula, o tumor e o corrimento das lagrimas.

Collyrio de sulfato de cobre

Pelo sr. Reveillé-Parise

Sulfato de cobre.....	15 centigram.
Laudano de Sydenham.....	15 gotas.
Agua de rosas.....	125 gram.

Solva. Para instillar algumas gotas, de manhã e de tarde, na ophthalmia catarrhal chronica.

Collyrio de sulfato de zinco camphorado

Hospitales inglezes

Sulfato de zinco crystallisado.....	1,25 gram.
Tinctura de camphora.....	3,00 »
Agua distillada.....	200,00 »

Solva e filtre. Para deitar algumas gotas nos olhos, duas ou tres vezes por dia, contra a conjunctivita.

Limonada secca

Pelo sr. Chevallier, pharmaceutico

Acido tartarico em pó.....	40 gram.
Assucar granuloso.....	250 »
Essencia de limão.....	18 gotas.
Misture, para seis litros de agua.	

Linimento tonico resolutivo

Pelo sr. Désormeaux

Balsamo de Fioravanti.....	30 gram.
Tinctura de quina.....	40 »

Misture. Para fricções, de manhã e de tarde, no circuito da orbita, no começo da catarata. Duches frios sôbre todo o corpo, vinho de quina e preparados ferruginosos, se o doente está pallido e debilitado.

Pasta para o tratamento das erupções furunculares

Pelo sr. dr. Planat

Extracto de flor recente de arnica	10 gram.
Mel.	20 »
Raiz d'althea em pó.	q. b.

F. s. a. pasta firme e sufficientemente adhesiva, estenda sòbre panno de diachylão e applique no furunculo.

Depois de duas ou tres applicações, faz-se abortar, conforme o auctor, o furunculo seja qual for o periodo da sua evolução, salvo o furunculo de origem diabetica.

Pilulas antiphlogisticas

Pelo sr. Sichel

Calomelanos por vapor	10 centigram.
Extracto de belladona.	15 »

F. s. a. dez pilulas. Duas a quatro por dia, às pessoas affectadas de ophthalmia aguda com photophobia.

Pilulas contra a amenorrhéa

Pelo sr. dr. Courty

Arruda em pó.	} aã 5 centigram.
Sabina em pó.	
Cravagem de centeio em pó.	
Aloes em pó.	2 a 5 »

F. s. a. uma pilula, e do mesmo modo trinta semelhantes.

Administra-se tres d'estas pilulas no primeiro dia, seis no segundo e nove no terceiro, sempre por tres vezes no caso de amenorrhéa idiopathica.

Pomada contra a blepharita

Pelo sr. Gibert

Mercurio doce.	80 centigram.
Cinabrio	40 »

Chlorhydrato de morphina	40 centigram.
Cold-cream	12 gram.

F. s. a. Unções, de manhã e de tarde, sôbre a borda livre das palpebras, nas blepharitis herpeticas.

Pomada contra a photophobia

Pelo sr. Rouault

Extracto aquoso de belladona	12 gram.
Banha preparada	12 »

Misture. Para fazer unções na superficie cutanea das palpebras, nas fontes e em redor das sobrancelhas. Logo que se possa abrir um pouco as palpebras, deita-se, de manhã e de tarde, algumas gotas de soluto saturado de extracto de belladona.

Pomada contra as ulceras da cornea

Pelo sr. Warlomont

Oxydo vermelho de mercurio	10 centigram.
Banha preparada	4 gram.
Balsamo peruviano	8 a 12 gotas.

F. s. a. Esta pomada é um excellente cicatrizante das ulceras da cornea, nos velhos, creanças escrofulosas e doentes que apresentam ulcerações perforantes da cornea com hernia do iris, no fluxo da ophthalmia purulenta.

Pomada contra a zona

Pelo sr. Gloner

Oxydo negro de cobre	75 centigram. a 4 gram.
Pomada rosada	30 »

Misture. Unções ligeiras, de manhã e de tarde, sôbre a região em que permanecer a zona. Esta pomada tem por fim secar as vesiculas, evitar nova erupção e fazer cessar as dôrs nervalgicas concomitantes.

Tratamento da herpes das orelhas

Pelo sr. dr. Ladreit de la Charrière

O auctor aconselha introduzir, no conducto auditivo, pequena porção de algodão em rama humedecido na mistura seguinte:

Oleo de amendoas doces..... 30,00 gram.
Chlorhydrato de morphina solvido. . 0,30 »

Misture. No caso de exasperação das dôres, o auctor manda applicar unções com o unguento belladonado ou opiado, em roda do pavilhão da orelha, e as cataplasmas emollientes.

Tratamento da zôna

Pelo sr. Lailler

Chloreto ferrico anhydro..... 10 gram.
Alcool a 90°..... 40 »

Solva. applica-se este soluto, por meio de um pincel, sobre a pelle bem sêcca, durante o periodo inicial da zôna, para fazer abortar a erupção. Passados alguns instantes, o alcool evapora-se e fica coloração amarella. Não se empregue outro topico, e esta applicação não causa nenhuma dôr.

Iodoformio nas doenças dos olhos

O sr. dr. Hayer considera o iodoformio como superior agente therapeutico, no tratamento de certas doenças sub-agudas e chronicas dos olhos e das palpebras. Tem sido applicado, com vantagem, principalmente no caso do trachôma (granulações no interior das palpebras).

O auctor recommenda-o na ophthalmia phlyctenular e pustulosa, ulceras da cornea, keratita inveterada, blepharita ciliar, etc., e applica-o directamente em pó fino nas superficie

affectadas; e, quando espargido este medicamento sobre as palpebras, applica a unção com a pomada seguinte:

Iodoformio. 1 parte.

Vaselina. 4 »

O iodoformio applicado no olho não produz soffrimento algum, por este motivo as creanças, depois da primeira applicação, não recusam sujeitar-se a outras identicas. Este agente é inutil no periodo agudo da conjunctivita.

(*Journal de thérapeutique.*)

Vaselina

Com a devida venia copiamos do *Formulario e guia medica* do sr. dr. Chernoviz, o seguinte:

«*Vaselina.* Substancia unctuosa, solida na temperatura ordinaria, fusivel a 35°, sem cheiro, sem sabor e quasi sem côr; insolavel na agua, pouco soluvel no alcool e no ether frio; mui soluvel no ether fervendo; dissolve o iodo, o phosphoro, o enxôfre, o acido phenico. Obtem-se tratando, n'um apparelho de deslocação, o alcatrão de petroleo pelo ether fervendo. Não se torna rancida, nem pôde ser saponificada, caracteres preciosos que a distinguem dos corpos graxos, e fazem d'este novo producto o excipiente util na preparação das pomadas ophthalmicas. Na Inglaterra e nos Estados-Unidos a vaselina emprega-se no curativo das feridas. A perfumaria tira d'ella um grande partido. Em pharmacia ella se impõe para a preparação das pomadas de conservação difficil, de unguento mercurial, e de todas as pomadas de bases metallicas, de resinas, de alcaloides, da camphora, phenol, acido benzoi-co, etc.»

Citrato de magnesia neutro

O sr. Cornelis, pharmaceutico em Diest, apresentou a formula seguinte:

Para a preparação do citrato de magnesia neutro, soluvel em 2 partes de agua e contendo, para 100 partes, 46 p. de

acido citrico, 17 p. de magnesia e 37 p. de agua, o auctor recommenda solver-se 1000 gram. de acido citrico em 3 litros de agua distillada fervente; ajuntar-se a pouco e pouco 700 gram. de carbonato de magnesia, de maneira que o soluto apresente ligeira reacção acida; filtrar-se o mesmo soluto ainda quente e collocar-o em logar frio. Passado um dia ou dia e meio, este soluto transforma-se em massa caseiforme, que será espremida e dividida em fragmentos, desseccada entre 20 a 25° e reduzida a pó.

(*Bull. de la Soc. r. de pharm. de Bruxelles.*)

J. D. CORRÊA.

CHIMICA

Analyse chimica qualitativa e quantitativa da agua extrahida do segundo cylindro a leste da ponte do arsenal da marinha, feita pelo dr. Joaquim José Alves.

(Continuado da pag. 52)

A densidade da agua da ponte do arsenal da marinha determinada á temperatura do ar ambiente é de 1,00126. A uma porção de agua convenientemente concentrada ajuntámos uma solução amidonada e agua de chloro, não se produzindo coloração azul, o que indica a ausencia do iodo.

A uma outra porção ajuntámos agua de chloro e ether, não se produzindo cor amarella, indicio da não existencia do bromio.

Fizemos evaporar em capsula de platina 720 grammas de agua até metade do seu peso, e durante a evaporação notámos apenas uma ligeira perturbação; filtrámos e lavámos com agua distillada o que ficou no filtro. Este precipitado foi designado pela letra A, e o liquido resultante da filtração pela letra B.

O precipitado A tratado pelo acido chlorhydrico dissolveu-se com effervescencia indicando a existencia de carbonatos, e deixando um pequeno residuo de silica.

Esta solução adicionada de agua distillada e filtrada foi

dividida em duas partes: uma tratada pelo ferro-cyanureto de potassio, manifestou coloração azul, indicando a existencia de ferro; outra pela ammonia deu um precipitado floconoso de côr vermelha, ligeiramente esbranquiçada, indicio da presença do ferro com vestigios de alumina.

O precipitado produzido pela ammonia foi separado pelo filtro, e o liquido filtrado, tratado pelo oxalato de ammonia, deu um precipitado branco, indicando a presença da cal. O liquido, separado d'este precipitado pelo filtro, foi tratado pelo phosphato de soda com excesso de ammonia, e deu um precipitado pouco abundante, indicando a presença da magnesia.

O liquido que designámos pela letra B manifestou reacção promptamente alcalina. Podendo este conter algum sulphureto alcalino, submettemol-o á acção do acetato de chumbo, do acido arsenioso e de outros reactivos já citados, e obtivemos resultados negativos.

Evaporámos quasi á seccura uma porção do liquido B; uma parte, tratada pelo acido chlorhydrico, produziu effervescencia de acido carbonico, indicio da existencia de carbonatos alcalinos.

Outra parte, depois de concentrada, foi tratada pelo acetato de soda e uma gota de perchlorureto de ferro, que não manifestou a presença de phosphatos.

A uma porção da agua da ponte do arsenal, acidulada, por meio do acido chlorhydrico ajuntámos chlorureto de bario, que produziu um ligeiro precipitado branco, indicio da existencia de acido sulphurico.

Outra porção de agua convenientemente acidulada pelo acido azotico, e tratada pelo azotato de prata, deu um precipitado branco em coagulos, indicio da existencia do chloro.

Uma outra porção de agua tratada pelo chlorureto de ammonio, e depois pelo oxalato de ammonia, não deu precipitado; uma parte d'este liquido tratado em seguida pela ammonia, e depois pelo phosphato de soda, deu um ligeiro precipitado, indicando a existencia da magnesia.

O restante do liquido, a que se addicionou o chlorureto de

ammonio e oxalato de ammonia, foi evaporado á seccura, e depois aquecido ao rubro para expellir os saes ammoniacaes. Dissolvemos este residuo em agua, e precipitámos a magnesia e o acido sulphurico pela agua de barita; filtrámos e separámos o excesso da barita pelo carbonato de ammonia; filtrámos de novo, evaporámos á seccura e calcinámos ao rubro o residuo. Este residuo dissolvido em uma pequena porção de agua foi dividido em duas partes; uma evaporada em presença de um excesso de bi-chlorureto de platina, e tratada depois pelo alcool não deu precipitado; a outra tratada pelo antimoniato de potassa granuloso deu um precipitado branco com todos os caracteres dos saes de soda. Os resultados d'esta analyse foram comprovados por novos ensaios feitos em uma quantidade de residuo solido.

Evaporámos a calor brando até á seccura 20 litros da agua da ponte do arsenal, e o residuo que obtivemos foi tratado pela agua distillada a frio e filtrado. Este liquido apresentou reacção fortemente alcalina, e um gosto tambem alcalino, deixando perceber perfeitamente o do chlorureto de sodio ou sal marinho.

Tratado pelos acidos produziu effervescencia de acido carbonico, indicio da existencia de carbonatos soluveis. Pelo chlorureto de bario deu precipitado branco, indicio da presença do acido sulphurico, e por consequencia de sulphatos soluveis.

Pelo chlorureto de ammonio e oxalato de ammonia não deu precipitado algum, o que manifesta a ausencia de saes soluveis de cal; parte d'este liquido tratado pelo phosphato de ammonia deu um ligeiro precipitado branco, indicio da magnesia no estado de sal solúvel.

Outra parte do liquido, a que se juntou o chlorhydrato e oxalato de ammonia, foi evaporado á seccura e calcinado até á completa decomposição dos saes ammoniacaes; este residuo dissolveu-se em agua distillada, e precipitámos a magnesia e o acido sulphurico pela agua de barita. Filtrámos este precipitado, e eliminámos o excesso de barita pelo carbonato de

ammonia; foi novamente filtrado, e o liquido evaporado á seccura e calcinado. Este liquido foi dissolvido em agua distillada e a soluçãõ tratada pelo bi-chlorureto de platina, que não accusou a presença de saes de potassa; tratada porém pelo antimoniato de potassa granuloso deu um precipitado branco crystalino, indicando a presença dos saes de soda.

A parte do residuo solido insolúvel na agua distillada foi tratada pelo acido chlorhydrico, dissolvendo-se incompletamente com effervescencia, indicio de carbonatos insolúveis; filtrámos, lavando bem o residuo que ficou no filtro, e o liquido filtrado, neutralizado pela ammonia, indicou a presença da cal, da magnesia, do ferro e alumina pelos reagentes que lhes são peculiares.

O residuo que ficou no filtro, e que não se dissolveu no acido chlorhydrico, depois de lavado e secco, foi tratado a quente por um soluto de carbonato de potassa, e depois filtrado; o liquido filtrado foi tratado pelo chlorureto de bario, manifestando-se um precipitado branco, indicio do acido sulphurico; e o residuo que ficou no filtro, tratado pelo acido chlorhydrico, dissolveu-se com effervescencia: neutralizado o excesso de acido pela ammonia, e tratado pelo oxalato da mesma base deu um diminuto precipitado branco de cal, o que denota a presença do sulfato de cal.

Em vista d'estas experiencias, a agua da ponte do arsenal da marinha contém:

Chloro.

Acido carbonico.

Acido sulphurico.

Acido salicico.

Cal.

Magnesia.

Soda.

Ferro e vestigios de alumina.

Os gazes obtidos de 1 litro de agua foram 50 cc., sendo d'estes 30 cc. de ar e 20 cc. de acido carbonico.

(Diario do governo de 26 de setembro de 1866).

VARIEDADES

Saneamento dos hospitaes no tempo de epidemias.—O conselho de salubridade de Paris ordenou o seguinte: 1.º, molhar a roupa em agua commum contendo $\frac{1}{10}$ de agua de Labarraque; 2.º, lavar os urinoes em agua tendo solvido $\frac{1}{20}$ de chloreto de calcio solido; 3.º, deitar nas aberturas das latrinas, de manhã e de tarde, 10 litros de agua contendo 500 grammas de sulfato de ferro e 100 grammas de soluto de acido phenico a $\frac{1}{10}$; 4.º, collocar nas salas dos hospitaes pratos com chloreto de calcio liquido, e tijellas, cada uma, com 2 litros da mistura seguinte: agua 10 litros, alcool a 85 1 litro, acido phenico 50 grammas (cinco tijellas para uma sala de 30 a 40 camas); 5.º, nos amphitheatros, salas dos cadaveres e depositos de roupa suja, espalhar no soalho o liquido seguinte: acido pyrolenhoso 1 litro, agua 4 litros, chloreto de calcio solido 250 grammas; 6.º, nos caixões espargir sobre os cadaveres chloreto de calcio solido ou serradura de madeira impregnada de acido phenico.

Maneira de distinguir nos tecidos vegetaes os fios de tecidos animaes.—Os fios de tecidos animaes aquecidos com o soluto de potassa ou de soda (5 partes de alcali para 100 partes de agua), dissolvem-se; os de tecidos vegetaes, pelo contrario, não se dissolvem n'este soluto.

Modo de gravar letras indeleveis nos vidros.—

Applique no vidro, com pincel fino, uma camada de verniz de gravador ou de cera branda e, depois de sècca, trace por cima d'ella as letras com ponteiro metallico; em seguida, sôbre os pontos assim descobertos, assente uma camada pouco espessa de massa composta de fluoreto de calcio (spatho fluor) em pó e de acido sulfurico concentrado. Depois de algumas horas lava-se, e o vidro encontra-se sufficientemente marcado.

Modo de extinguir rapidamente os fogos de chaminé.—Consiste, segundo o sr. Quequet, em deitar n'um

prato concavo 100 grammas de sulfureto de carbono e fazello arder no lar da chaminé. O sulfureto vaporisa-se, inflammase com muita facilidade e produz, absorvendo o oxygenio do ar, acido sulfuroso e acido carbonico improprios á combustão.

O sulfureto de carbono será guardado, pelos bombeiros, em porções de 100 grammas, em frascos de sufficiente capacidade para que não fiquem inteiramente cheios. Esta precaução é necessaria, por causa da grande expansão d'este sulfureto, que chega a 28°.

Os bombeiros de Paris têm apagado por este meio, em 1878, 251 fogos sobre 319. Estas extincções têm sido de algum modo instantaneas.

Objectos para brinquedos de creanças. — O prefeito de policia de Paris prohibe que estes objectos sejam pintados com substancias toxicas, taes como o *verde de Scheele*, *verde de Schweinfurt*, *oxydos de chumbo*, *alcaiaide*, *amarello de chromo*, *saes de cobre*, *vermelhão*.

Conservação das substancias alteraveis pela luz. — Deve-se empregar os frascos de vidro preto ou amarello. O *vidro azul-escuro* é rejeitado, porque deixa passar os raios activos. N'este caso está o *papel azul*, que deve ser substituido pelo papel amarello para involver os frascos.

Desinfecção das materias fecaes. — Sulfato de ferro, I; agua, 8. Solva e derrame este soluto no lugar infecto pelas materias, ou empregue-o em lavagens com esponja.

Modo de preservar as couves das lagartas. — Consiste simplesmente em deitar algumas sementes de canhamo nas plantações de couve. Aquella planta, pelo cheiro que exhala, tem a propriedade de afastar as borboletas e impedir, por consequencia, que ellas depositem sobre as folhas de legumes os ovos que devem produzir as lagartas.

Verniz dos naturalistas para a conservação dos insectos. — Ambar citrino, 25 centigrammas; mastica, 20

grammas; sandaraca, 20 grammas; terebinthina, 30 grammas. Funda, a banho de agua, as primeiras tres substancias, bem contusas, na terebinthina, e addicione, em pequenas porções, 500 grammas de alcool; quando a mistura estiver bem homogenea, tire-a do calor e deixe esfriar.

Se o verniz se tornar muito espesso, aqueça novamente e ajunte pequena porção de terebinthina e de alcool.

Applica-se duas camadas sôbre os insectos para os bem conservar.

Flores hygrometricas.—Em França fabricam-se estas flores, cujo preparo é baseado sôbre a propriedade que têm os saes de cobalto de passarem successivamente por todas as differenças intermediarias entre o vermelho e o azul, conforme a maior ou menor humidade do ar. Preparam-se fazendo embeber folhas de papel branco não collado em soluto bem concentrado de chloreto de cobalto, addicionado de chloretos de sodio e de calcio, de gomma arabica em pó e agua distillada, seccal-as e recortal-as em agradaveis corollas de flores.

A correspondencia entre as côres e o estado atmospherico pode ser estabelecida approximadamente do seguinte modo:

<i>Rosa</i>	chuva
<i>Rosa pallida</i>	muito humido
<i>Rosa mudando para azul</i>	humido
<i>Lilaz</i>	quasi secco
<i>Violeta</i>	secco
<i>Azul</i>	muito secco

Para uso dos amadores, a formula do soluto que se deve empregar é a seguinte:

Chloreto de cobalto.....	10,00
Chloreto de sodio.....	5,00
Gomma arabica em pó.....	2,50
Chloreto de calcio.....	1,00
Agua distillada.....	30,00

Solva.

Sociedade de pharmacia de Paris. — (Sessão de 2 de julho de 1879.) — O sr. Baudrimont chamou a attenção da sociedade sôbre o trinitrosulfureto de ferro do sr. Rousin; disse que certos chloroformios, que se conservam muito bem em lugar escuro, decompõem-se frequentemente quando são expostos á claridade e dão productos chlorados.

O mesmo socio apresentou, da parte dos srs. Lajoux e Grandval, de Reims, um trabalho sôbre a pesquisa da estrychnina no cerebro.

O sr. Méhu apresentou amostra de um dos alcaloides da casca de romeira, obtido pelo sr. Tanret.

O sr. Berquier leu um trabalho sôbre a preparação dos suppositorios por meio de um instrumento que apresentou á sociedade.

O sr. Méhu declarou haver recebido o manuscripto da pharmacopêa internacional, com annotações em allemão e em inglez.

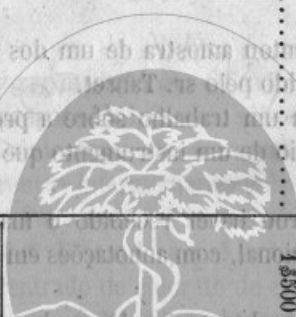
O sr. Yvon leu uma observação sôbre o brometo de zinco e a preparação das pastilhas de chlorato de potassa sem assucar (chlorato, 96; gomma adragantha, 4).

Acêrca das conclusões do relatorio do sr. Duroziez, apresentado na precedente sessão, houve larga discussão em que tomaram parte os srs. Duroziez, Bourgoïn, Planchon, Petit, Limousin, Schaeffèle, Baudrimont e Delpech; terminando este debate com a approvação da proposta do sr. Limousin, para que a commissão nomeada pela sociedade e incumbida da revisão do Codex pharmaceutico francez, seja encarregada com a presidencia de solicitar dos poderes publicos a nomeação official de certo numero de seus membros para a execução do trabalho.

Betume para estancar as cisternas, tanques, canos, etc. — Tijolo cozido em pó, 2; cal viva em pó, 2; cinza de madeira passada por tamis, 2. Misture bem estas substancias, ajunte em porções sufficiente quantidade de azeite, e faça betume com a devida consistencia.

J. D. CORRÊA.

SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA
Balancete do 3.º trimestre de 1879

	
Receita	
Saldo em cofre em 1 de julho de 1879.....	663,835
Quotas dos membros contribuintes.....	142,800
Diplomas.....	7,320
Análises toxicológicas.....	144,500
Assignaturas do jornal.....	1,500
	362,535
Despeza	
Análises toxicológicas.....	108,000
Impressão do jornal.....	22,530
Compra de livros para a biblioteca.....	5,860
Contribuição da renda da casa.....	103,250
Huminação.....	2,850
Ordenado do continuo.....	34,500
Porte de jornaes e correspondencia.....	1,595
Compra de livros e impressos e outras despezas de expediente.....	17,5020
Gratificações por diversos serviços extraordinarios.....	45,5000
Diversas despezas.....	16,5495
Subscripção para o congresso internacional de geographia.....	6,5180
	265,5900
Saldo para o 4.º trimestre de 1879.....	96,9435
	362,535

Secretaria da sociedade pharmaceutica lusitana, 30 de setembro de 1879.

O primeiro secretario,

Antonio Augusto Felix Ferreira.

O thesoureiro,

João Francisco Delicioso.

PEÇAS OFFICIAES

Extractos das actas das sessões litterarias

Sessão de 12 de maio de 1880

Presidencia do sr. Joaquim Urbano da Veiga

Abertura ás oito horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

O sr. primeiro secretario deu conta da seguinte:

Correspondencia

Officios:— 1.º Da procuradoria regia convidando a sociedade para assistir á communhão dos menores detidos na casa da correção.

A sociedade fez-se representar n'esta solemnidade.

2.º Do sr. Terenas (J. da Costa) relativo á sublocação da casa.— Inteirada.

3.º Do sr. secretario da commissão executiva da imprensa portugueza, para a celebração do tricentenario de Camões, convidando a sociedade a responder aos seguintes alvitres, propostos á grande commissão pelo sr. Theophilo Braga:

1.º Que as diversas associações lisboenses declarem se querem que se celebrem nas salas das suas reuniões conferencias preliminares sobre Camões e o seu seculo, a fim de vulgarisar o sentido profundo da festa nacional do centenario.

2.º Que cada associação ratifique a sua adhesão (já declarada pelos seus delegados) ao pensamento do grande prestito civico de todos os cidadãos no dia 10 de junho, partindo do Terreiro do Paço até á praça do monumento a Camões, na fórma geral do programma adoptado.

3.º Que cada associação promova, por meio dos seus socios e pelas suas influencias locais e especiaes, manifestações segundo a natureza dos seus institutos ou corporações.

4.º Que as diversas associações resolvam as homenagens especiaes que entendam prestar a Camões.

5.º Que as associações symbolisem a sua união perante o ideal de Camões, em todas as suas relações praticas mandando de commum accordo cunhar uma medalha que atteste este grande factó. E que resolvam estabelecer um congresso annual das associações em 10 de junho, o qual terá por fim a regeneração da nacionalidade portugueza por iniciativa da instrucção, da educação e da industria.

Depois de larga e maduramente discutidos estes alvitres pelos srs. Machado, Tedeschi, Veiga, Felix Ferreira, Dionysio Corrêa, Gomes de Mattos e outros socios, assentou-se no seguinte:

1.º Que se consignasse na acta um voto de louvor á imprensa da capital pela iniciativa que tomou de se celebrar o tricentenário do immortal cantor das nossas glorias patrias, Luiz de Camões;

2.º Que se declarasse á benemerita commissão executiva da imprensa que com o maior jubilo prestaria a sua sala para n'ella se celebrarem conferencias preliminares sobre Camões, mas que lhe é impossivel fazel-o por ter na sua escriptura de arrendamento com a casa do duque de Cadaval a seguinte condicção: — *que não pode dar-se á casa applicação alheia ao fim da sociedade* — sendo expressa e terminantemente prohibido prestar a casa para reuniões ou associações politicas, sob pena de ser a renda reputada em 3:000\$000 réis no caso de infracção;

3.º Que ratificava a sua adhesão ao pensamento do grande prestito civico a que se refere o n.º 2.º, bem como a quaesquer outras resoluções tendentes a tornar mais solemne e pomposa a significativa manifestação do dia 10 de junho;

4.º Que para commemorar esta data se adquirisse para a sua bibliotheca um exemplar de uma das edições dos *Lusíadas*, que por esta occasião se publique, preferindo a da imprensa se esta a publicar;

5.ª Que os membros da mesa, levando um d'elles o estandarte com a divisa da sociedade, a representem no grande prestito;

6.^a Que para este acto sejam convidados todos os socios a acompanhar os membros da mesa;

7.^a Que adheria ao pensamento de se cunhar uma medalha para o fim indicado na proposta, e bem assim ao de se estabelecer um congresso annual das associações no dia 10 de junho, para o fim tambem indicado;

8.^a Que se nomeasse um ou mais delegados para se formular o programma do referido congresso, quando a commissão executiva da imprensa julgar conveniente que se trate d'este assumpto.

O sr. *Machado* disse que na discussão que precedeu as resoluções que acabavam de ser approvadas se determinou que a sociedade, no grande prestito, se fizesse conhecer por uma bandeira ou estandarte, mas que cada um dos socios individualmente não seria ali reconhecido, e era bom e conveniente que o fosse, por isso lembrava que era opportuno discutir agora a proposta apresentada em tempo pelo sr. *Tedeschi*, para que cada socio tivesse um distinctivo que, como s. ex.^a lembrára então, podia ser uma medalha tendo no centro o distinctivo da sociedade e suspensa ao pescoço por uma fita amarella, còr que symbolisa as classes medica e pharmaceutica.

Entrou em discussão este alvitre.

Usando da palavra para o apoiar os srs. *Corrêa*, *Tedeschi*, *Felix Pereira*, foi approvedo.

Em seguida nomeou-se uma commissão que ficou composta da mesa e do sr. *Tedeschi* para se encarregar de mandar fazer a bandeira e a medalha.

O sr. *Tedeschi* mandou para a mesa a seguinte proposta:

«Sendo da maior conveniencia promover a affluencia dos aspirantes pharmaceuticos aos cursos das escolas de pharmacia, diminuindo o numero dos que se habilitam sem o curso regular; proponho que se offereça aos que se habilitarem tendo completado o curso nas escolas, como premio, uma indemnisação das despezas, que lhe foi necessario fazer com as matriculas, exames, certidões e cartas, que tiverem feito nos cursos das escolas.

Do mesmo modo proponho que a commissão de pharmacia seja encarregada de elaborar o programma, pelo qual se deve regular a realisação ou adjudicação d'este premio.

Lisboa, e sala das sessões da sociedade pharmaceutica lusitana, em 12 de maio de 1880.—*José Tedeschi*, membro benemerito e effectivo.

Ficou para segunda leitura.

O sr. *Corrêa* apresentou uma proposta para socio honorario.—Á commissão de direito pharmaceutico.

Continuando disse que não podia nem devia calar a expressão do seu agradecimento ao sr. presidente pelo cuidado que lhe merecera quando elle orador, terminada a ultima sessão, ficou muito incommodado de saude, e que agora bem publico tornava por este meio aquelle seu agradecimento. Tambem pedia que ficasse consignado na acta que o empregado da sociedade, João Antonio Roque, lhe prestara relevantes serviços acompanhando-o carinhosamente, attendendo ás menores cousas com o maior cuidado, para que o seu estado, já melindroso, não se aggravasse, dando emfim todas as provas de que tomava o maior interesse pelo seu estado, e desejava contribuir, como podia, para melhora-lo.

O sr. *presidente* disse que não merecia agradecimentos; que era dever auxiliar quem quer que fosse no estado em que se achava o sr. *Corrêa*, mas que este dever era muito mais imperioso com o collega e consocio, a quem tanto prezamos e respeitamos. Folgava de saber o modo por que o empregado Roque procedera n'aquella conjunctura, o que vinha confirmar a boa conta em que é tido.

O sr. *Felix Ferreira* (primeiro secretario) apresentou uma proposta para socio effectivo. — Ficou para segunda leitura.

Como a hora estivesse muito adiantada, o sr. presidente encerrou a sessão, dando para ordem do dia da seguinte a discussão do parecer sobre os quesitos propostos pelo sr. *Pitta Simões*, pareceres de commissão e segundas leituras. Eram onze horas e meia.—O segundo secretario, *Augusto d'Oliveira Abreu*.

Relatorio dirigido á sociedade, pelo seu delegado, em Mirandella, o sr. José Antonio Silverio Rodrigues Cardoso, sôbre diversos objectos existentes no seu districto delegativo ¹.

Ill.^{mo} sr. — Em todas as idades o estudo da natureza alenta o espirito do homem, desvia-o de divertimentos frivolos, previne o tumulto das paixões e prodigalisa-lhe um alimento saudavel, occupando-o no mais digno objecto de suas contemplanções: se pois tantas são as vantagens que se podem tirar d'este estudo, louvavel deve ser o esforço que qualquer faça, ainda que não possa conseguir novas descobertas. Entre nós custosos são os vehiculos da instrucção, e mais ainda os que pertencem ás sciencias naturaes que, demandando mais aturadas applicações, exigem grande copia de instrumentos que só um estabelecimento publico pode supprir; e é por esta razão que nas provincias se encontram tão poucos observadores da natureza e esses ainda bem defeituosos. De ordinario um mancebo que se tem applicado ás sciencias naturaes, terminando o seu curso na Universidade, se as quer profundar, fica na Academia, e se outros interesses o chamam ás provincias não é para observar a natureza, mas para tirar lucro da sua profissão: fallo dos medicos, porque á philosophia poucos ou nenhuns se applicam. Estes e aquelles eram, na verdade, os que disseminados por estas montanhas podiam, analysando aguas, mineraes, vegetaes, etc., prestar á humanidade afflicta saudaveis soccorros; e não é um pharmaceutico, a quem só a curiosidade chama a estudo mais aturado, principalmente n'esta provincia, onde esta classe se acha algum tanto degradada.

Em observancia porém do que se acha consignado nas attribuições interinamente approvadas, pela Sociedade Pharmaceutica Lusitana, que designam os deveres impostos aos seus delegados; e em desempenho d'este honroso cargo que

¹ Copia da publicação inserida n'este jornal, tomo 3.^o da 1.^a serie, 1842, pag. 41.

ella se dignou conferir-me, cumpre-me satisfazer ao que nas mesmas vejo exarado e que for compativel com o limitado circulo de meus conhecimentos.

Direi, em primeiro lugar, que me não consta existirem, na comarca de minha delegação, pantanos, charcos ou fontes, nem tão pouco fabricas de cortumes de pelles, ou de outros identicos estabelecimentos, que prejudiquem a saude d'estes povos; mas vou expor á Sociedade algumas circumstancias que hei observado em algumas povoações, as quaes reclamam serias providencias da parte das auctoridades administrativas: pois que (salvas honrosas excepções), infelizmente, a hygiena publica é o que menos attenção lhes merece!

Em algumas povoações, onde, talvez por falta de industria, ha pouca abundancia de agua, os habitantes fazem seus reservatorios ou poços á face da terra, a fim de a conservarem por algum tempo, para os usos domesticos, abrindo-lhes um pequeno rêgo para facilitar a corrente, isto emquanto se não debilitam as nascentes, pela approximação do estio, pois manifestada que seja a falta de agua o tapam de todo; e algumas povoações ha onde é tão escassa, que não tendo outro recurso d'ella usam para fazer a comida, e até para beber, emquanto tem alguma corrente, e muitas vezes só a abandonam quando começa a apresentar a côr esverdinhada e a cheirar-lhes ou saber-lhes mal: quando chega a este estado, servem-se d'estes poços para lavar tudo, quanto lhes é necessario, bebem as crias, e até a final se banham, de sorte que ultimamente exhalam um cheiro pestilente e insupportavel, que infesta a atmospherá, desenvolvendo-se miasmas putridos, que originam graves molestias, como febres continuas intermitentes, gastricas, oppilações, dysenterias e outras, as quaes muitas vezes os conduzem á sepultura. O mesmo observei ácerca dos pequenos rios e ribeiros que, quasi todos, seccam com a chegada do verão; deixando por partes agua estagnada, onde os povos mergulham seus linhos pelo espaço de quasi um mez, exhalando igualmente cheiro maligno pela putrefacção que n'ella se desenvolve, o que se torná mui funesto á saude.

Fallando das aguas potaveis, direi que, nas povoações onde as ha, são quasi todas excellentes. Esta villa tem unicamente um chafariz de boa agua, mas que costuma debilitar-se, quasi de todo, no estio rigoroso; e então servem-se da do rio Tua, que banha as muralhas que a circundam.

Não sei que existam n'esta comarca boticas ou laboratorios-chimicos, abertos sem pessoa legalmente habilitada; bem ao contrario, o estado em que aquellas se acham e a illustração da maior parte de seus administradores não deixa de ser satisfactoria. Grande vigilancia e escrupulosa fiscalisação devia merecer ás auctoridades administrativas a venda publica do acido arsenioso (vulgò seneca), que ordinariamente se encontra nas mãos dos tendeiros e vendilhões, vendendo-o indistinctamente a quem lh'o procura; resultando, d'este pernicioso abuso, suicidarem-se algumas pessoas levadas a este abominavel excesso, por simples frenesi, e accommetterem-se outros identicos desastres.²

Igualmente vejo girar pelas feiras, e venderem-se nas lojas, remedios de composição particular e outros da exclusiva competencia dos pharmaceuticos; como, por exemplo: o preservativo do contagio venereo do dr. Corrêa, remedios liquidos para lavagem dos dentes e para as dôres dos mesmos, antiescorbuticos, diferentes pomadas para untar o cabello, e outros muitos de diversas applicações, no meu entender assaz damnosos.

Finalmente, este paiz é abundantissimo de plantas medicinaes, mas tão vulgares e tão conhecido o seu uso, que julgo desnecessaria a sua descripção. A bardana (*Arctium lappa*), a

²Uma immensidade de mulheres coze o arsenico em agua, lavando com ella a cabeça para matarem os vermes; tambem com ella lavam o corpo no curativo da sarna e de outras molestias cutaneas e inflammatorias. Ainda não ha muito tempo que me constou haver perecido uma creança, de dois annos de idade, victima de tão imprudente quanto crassa ignorancia. O oxydo rubro do mercurio, igualmente, tem uma extracção consideravel, como anti-pedicular, lançando-o na cabeça misturado com banha; bem como para matar os vermes que apparecem nos diferentes gados lanigero, cornigero e suino.

baga de zimbro (*Juniperus communis*), o paparraz (*Delphinium staphysagria*) e o sumagre (*Rhus coriaria*); de que este solo abunda, constitue um pequeno ramo commercial n'esta comarca.

Aguas mineraes

Não é esta provincia das menos fertes em aguas mineraes; porém, as melhores e em maior abundancia nascem no districto de Villa Real. Limitar-me-hei a fallar unicamente das que me pertencem, isto é, das que me consta que existem n'esta comarca; as quaes, além de poucas, a maior parte, no meu entender, são deficientes ou pouco dignas de se mencionarem: e, tratando das que tenho algumas informações ou conhecimento, começarei por uma de natureza ferrea, que borbulha nos suburbios d'esta villa, a distancia de 800 passos, pouco mais ou menos da sua extrema; nasce ella na encosta de uma pequena mas extensa elevação, na direcção do nascente, em uma propriedade (vinha) de José Antonio Nunes de Andrade, rico proprietario e nosso collega; a sua appareição é antiquissima, todavia só ha poucos annos se tem vulgarisado, não havendo ainda esta fonte recebido nenhum beneficio, mas pelo contrario acha-se abandonada, coberta de silvas, etc., que só são alimpadas pelas pessoas que fazem uso da sua agua. Quando ella se descobriu appareceu tambem uma especie de vulcão assaz grande e de exterioridade ferruginosa; o qual, tendo escavado toda a circumferencia da fonte, foi cair sobre ella alguma terra, na imminencia da estação invernos. Os facultativos aconselham esta agua, de cujos effeitos quasi todos dizem bem nas debilidades do estomago, affecções abdominaes e outras molestias: é limpida e inodora, sabor ferreo adstringente e um pouco enxofrado; o seu peso e temperatura quasi igual aos da agua commum; e exposta á atmospherá apresenta a côr iriada ou ferruginea-avermelhada.³

³Não posso affiançar as substancias fixas que ella contém; entretanto creio que a sua base é o sulfato de protoxydo de ferro, e o seu principio immediato e predominante o muriato de magnesia.

Outra agua ferrea mui similhante nasce nos suburbios da freguezia dos Olmos, concelho de Chacim, cujo local se denomina «Esquerledo». É ella assaz frequentada e aconselhada pelos facultativos, que a têm em bom conceito; mas no meu entender é de pouco merecimento, por conter em solução mui diminutas particulas de carbonato de ferro e de outras substancias fixas.

Nas immediações da quinta dos Quebrados, freguezia annexa a Castello-Branco e 2 leguas do Mogadouro, ha umas aguas sulfureo-ferreas; todavia nada posso adiantar a seu respeito, pelas não haver observado e serem muito laticonicas as informações que me prestaram ácerca d'ellas: o caso é que n'outro tempo fôram celebres, mas hoje estão quasi esquecidas e desprezadas.

A meia legua distante da freguezia de Pombal, concelho de Carrazeda de Anciães, nasce no fundo de um extenso monte e na direcção do sudoeste, uma agua thermal (54° R.) assaz impregnada de particulas hydro-sulfuricas, cae por um tubo estreito de ferro, cravado n'uma mascara de pedra granitica, sôbre uma bacia ou tina quadrilonga da mesma materia e na quantidade de um anel, onde se banham dez a doze pessoas de cada vez. Este local denomina-se «S. Lourenço», por estes banhos se acharem construidos n'uma casa que n'outro tempo serviu de capella ao santo d'esta invocação, cuja imagem ainda lá se conserva. São elles applicados na sua temperatura, nos rheumatismos, debilidades nervosas do estomago e outras molestias herpeticas, de que se faz bastante uso, e com proveito n'estas molestias, affluindo a elles muitas pessoas ainda de terras distantes. Além d'esta nascente ha outra de identica natureza⁴ e na mesma direcção, a qual, pôsto não seja inferior á antecedente, seus credits decaíram de tal maneira, que hoje pouco ou nenhum uso se faz d'ella; talvez que este

⁴Toda aquella cordilheira deve encerrar grandes camadas de oxydo de calcio e enxofre, porque em qualquer sitio que appareça agua é sempre thermal.

abandono proceda da má construcção do caminho e inacessibilidade do local.

Ao sudoeste da freguezia de Sampaio, no concelho de Villa Flor e no local denominado «Bem Saude», nasce na falda de uma collina uma agua gazosa, rebentando em borbulhões intervallados, que parece effervescente, postoque de temperatura é fria. É ella summamente crystallina, mui limpida e, lançada em um copo, forma bolhas abundantes, tendo sabor picante e muito analogo ao da aguardente ordinaria; a sua origem é gazosa-carbonica, assimilhando-se muito ás celebres aguas de Spaes Tessy, de cuja origem me não consta haja outras em o nosso Portugal.⁵ Ha muito pouco tempo que ella se vulgarizou, sendo hoje respeitada pelos entendedores, attentas suas qualidades e efficacia; é applicada internamente nas molestias do estomago, affecções abdominaes e outras molestias em que muito aproveita: os povos d'aquella proximidade usam d'ella no curativo das ulceras, ao que me dizem se deve a sua casual descoberta.

Assaz desejava eu poder dar, n'este relatorio, a analyse exacta d'esta agua (se tanto é possivel), bem como de todas as mais de que n'elle trato, para conhecimento da Sociedade e do publico; mas a carencia dos apparatus e reagentes proprios e dos conhecimentos indispensaveis, que demanda uma empreza difficil, me fazem renunciar aos meus desejos: além de que commetteria eu uma temeridade se tentasse apresental-a a uma Sociedade, que conta em seu gremio tão habéis membros e distinctos chimicos.

Eis concluida a minha exposiçào sobre as aguas mineraes; passando sem demora a tratar das minas de que tenho conhecimento, e aindaque nenhuma hei observado com attenção,

⁵Por alguns dos reagentes que n'estas analyses se costumam empregar, observei que o seu principio mineralisante é o gaz acido carbonico em parte livre; e, em segundo logar, uma porção de saes de ferro, o muriato, o carbonato, e algumas porções de sulfato de alumina, de magnesia, e de nitrato calcarco.

refiro-me ás informações de varios individuos que, no meu entender, não são totalmente leigos n'esta materia.

Minas

Á distancia de 1 legua d'esta villa de Mirandella, se descobre uma muito elevada e extensa montanha denominada «Serra de Santa Comba» assaz ingreme, a qual atravessa do norte para o sudoeste e fica sobranceira ao logar de Paços, concelho de Lamas de Orelhão, d'esta comarca, de cujo vertice ou cume se avista uma immensidade de povoações mui distantes: não ha ali nenhuma exploração, mas tão sómente pequenas excavações, feitas em diversos sitios, por curiosos d'aquellas immediações, instigados pelo interesse e persuadidos (talvez por tradição) que os mouros a habitaram e que lá existe dinheiro ou seu valor.⁶ Subi um dia, e unica vez, a esta montanha, movido pela curiosidade de observá-la, encontrando n'estas excavações o antimónio no seu estado nativo, o qual se divisa por quasi toda a sua superficie, ainda que, em certos sitios, algumas pedras são de diferente natureza e apparencia; e igualmente deve conter algum chumbo e talvez estanho mineralizado pelo enxôfre, e bem assim algumas porções de arsenico, porque, lançando-se algumas pedras ao fogo, exhalam cheiro alliaceo, inflammando-se em chamma azul-branca: nenhuma outra observação fiz a este respeito.

No citado logar de Paços, povoação proxima a esta serra, como já referi, ha, entre outras fontes, uma mais vizinha d'ella, cuja agua vem d'aquella direcção; tem ella um sabor ferreo-enxofrado e um pouco alliaceo, sendo conceituada entre aquelles habitantes como a melhor e, por conseguinte, d'ella fazem o seu maior uso: todavia não me tem constado

⁶ Asseveram-me alguns velhos do logar dos Paços, que haverá sessenta annos que um homem encontrára n'um fojo d'esta montanha, por occasião de arrear urzes, de que é abundante, duas especies de semi-cunhos, com apparencia metallica, os quaes viu serem de prata, e como tal a vendera. Não sei se isto será exacto, porém é voz constante n'aquelle logar.

que lhes haja motivado indisposições, mas que lhes faz os dentes amarellados e por ultimo negros e corruptos.

Em Villar Chão, freguezia e concelho de Castro Vicente, bem como nas immediações de Chacim, d'esta comarca, encontram-se duas minas de antimonio; fôram exploradas antigamente, mas hoje acham-se em total desprezo.

Em Villar do Rei, freguezia e concelho do Mogadouro, encontra-se no sitio de Veiga de Moinhos uma mina de chumbo, que foi explorada ha mais devinte annos. N'essa epocha se construiu ali uma casa, que servia de officina para as fundições d'este metal, provida de todos os utensilios proprios para esse fim; hoje porém tudo se acha em estado ruinoso e quasi aniquilado. Nas vizinhanças de Ventuzello, 2 leguas distantes do Mogadouro, ha outra mina de chumbo, identica á de Villar do Rei, tanto em peso como em proporção, de que em outro tempo se extrahiram grandes barras.

Nos Estevaes, concelho do Mogadouro, ha, segundo me dizem, outra mina de chumbo; bem como de alguma prata e estanho. Sôbre a existencia da prata não posso esclarecer a Sociedade, mas, conforme a correspondencia, que n'outro tempo observei da extincta Intendencia das Minas e Metaes do Reino, relativamente a esta quando o governo estabeleceu ali uma companhia mineralogica (allema), por influencia do então ministro e secretario d'estado D. Rodrigo de Sousa Coutinho, conde de Linhares, natural d'este concelho, por ella constava que continha a centesima parte de prata. Passado pouco tempo foi esta companhia mandada levantar e, suspendendo os seus trabalhos, nunca desde então mais d'ella se cuidou. Ignoro a causa.

Junto á extincta villa de Moz, concelho e comarca de Moncorvo, no local conhecido pelo nome de Chapa Cunha, ha tambem uma mina de ferro, tendo em outro tempo ali sido estabelecida uma fabrica e igualmente provida de todos os utensilios precisos para a sua extracção. Ainda hoje se vêem, por aquelles contornos, varias minas abertas, quasi inextinguiveis, de pedra, de que se extrahia grande quantidade de

ferro da melhor qualidade. isto é, muito ductil. Uma companhia de negociantes do Porto (Maia & C.^a) requereram ao governo de então, para pôrem esta fabrica em acção, o que conseguiram; porém houve certos inconvenientes que frustraram seus trabalhos, deixando-a depois abandonada. É propriedade do abbade de Valle de Frechoso e dos herdeiros de Antonio Seabra da Motta e Silva, ex-corregedor d'esta comarca.

Entre Lamellas e Larinho, concelho e comarca de Moncorvo, ha uma mina de ouro, ainda não explorada.

Igualmente me dizem existir outra da mesma natureza, na quinta do Souto, annexa a Valle Verde no concelho do Mogadouro.

Peza-me que eu não possa dar á Sociedade noções especiaes sôbre a veracidade da existencia d'estes productos, sua quantidade⁷ e natureza do terreno, visto que d'elles faço menção, referindo-me unicamente aos esclarecimentos prestados por dois dignos collegas, os srs. Luiz Bernardo Pinheiro e João Manuel Ribeiro de Abreu. Oxalá que assim seja.

Nada mais me resta a expender sôbre este objecto.

Da veniam scriptis, quorum non gloria nobis,

Causa, sed utilitas, officium que fuit.

OID. DE PONTO. L. 3.^o, Ep. 9, N.^o 55.

Deus guarde a v. s.^a Mirandella e Delegação da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, na comarca de Moncorvo, em 20 de novembro de 1840. — Ill.^{mo} sr. José Dionysio Corrêa, primeiro secretario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — José Antonio Silverio Rodrigues Cardoso, delegado.

⁷O solo portuguez não é dos menos productivos em metaes preciosos e interessantes, bem capazes de alimentar a nossa industria manufactureira; assim o governo a animasse e protegesse, dando-lhe o desenvolvimento de que carece!

CHIMICA

Analyse chimica qualitativa e quantitativa da agua extrahida do segundo cylindro a leste da ponte do arsenal da marinha, feita pelo dr. Joaquim José Alves.

(Continuado da pag. 75)

Que corresponde a chloro..... 0^{gr.},08903

Determinação do residuo solido

Tomámos 1:000 grammas de agua, fizemol-as evaporar a brando calor em capsula de platina, e o residuo solido, secco a uma temperatura de 180°, pesou..... 0^{gr.},518

Determinação da silica

O residuo solido precedente foi acidulado com acido chlorhydrico, evaporado á seccura, depois fervido com acido chlorhydrico diluido, lavado com agua no filtro, e depois de secco deu de silica..... 0^{gr.},00180

Determinação do ferro e alumina

O liquido filtrado da operação antecedente, foi fervido ajuntando-se-lhe pouco a pouco alguns crystaes de chlorato de potassa, e tratado em seguida pela ammonia deu um precipitado floconoso, vermelho esbranquiçado, que depois de secco e calcinado pesou..... 0^{gr.},00992

Determinação da cal

O liquido da operação precedente, privado do ferro e da alumina pela ammonia, e tratado pelo oxalato de ammonia, produziu um precipitado, que depois de calcinado, e dosado no estado de carbonato deu em peso por 1:000 grammas..... 0^{gr.},141

Que corresponde a cal..... 0^{gr.},07896

Determinação da magnesia

O liquido separado pela filtração do precipitado obtido na operação precedente, reduzido a pequeno volume e tratado por um excesso de ammonia e depois pelo phosphato de soda, deu um precipitado de phosphato dobrado de magnesia e de ammonia, que calcinado no estado de pyrophosphato, deu por 1:000 grammas..... 0^{gr.},117
 Que corresponde a magnesia..... 0^{gr.},04283

Determinação do alcali

1:000 grammas de agua, depois de separado o acido sulphurico e a magnesia por meio do chlorureto de bario e agua de barita, e precipitada a cal e o excesso de barita por meio do carbonato e oxalato de ammonia, deram um residuo de chlorureto de sodio que pesou 0^{gr.},27388 e que contém 0^{gr.},10768 de sodio, combinados com 0^{gr.},03746 de oxigenio dão de soda..... 0^{gr.},14514

Determinação do acido carbonico

Tomámos um litro de agua, lançámol-a em um frasco de capacidade quasi igual, contendo uma solução limpida de chlorureto de bario addicionada de ammonia; e acabámos de encher o frasco com agua distillada, fechámos e deixámos de pôr o precipitado, formado de carbonato e de sulphato de barita. Recolhemos este sobre um filtro, lavámol-o com agua ammoniacal, depois de secco pesou..... 1^{gr.},33044
 0^{gr.},3326 d'este precipitado, tratadas por soluções graduadas de acido oxalico e de soda caustica, deram 0^{gr.},06871 de acido carbonico ou por
 1:000 0^{gr.},27,484

Segundo as dosagens acima indicadas, a agua da ponte do arsenal de marinha contém em 1:000 grammas:

Chloro.....	0 ^{gr.} ,08905
Acido carbonico.....	0 ^{gr.} ,27484
Acido sulphurico.....	0 ^{gr.} ,03330
Acido silicico.....	0 ^{gr.} ,00180
Cal.....	0 ^{gr.} ,07896
Magnesia.....	0 ^{gr.} ,04283
Soda.....	0 ^{gr.} ,14514
Oxido de ferro e vestigios de alumina.....	0 ^{gr.} ,00990

Calculo da analyse quantitativa

Sulphato de soda

A soda na proporção de.....	0 ^{gr.} ,01935
Combina-se com acido sulphurico.....	0 ^{gr.} ,02498
Formando de sulphato de soda.....	<u>0^{gr.},04433</u>

Carbonato de soda

A soda na proporção de.....	0 ^{gr.} ,05890
Combina-se com acido carbonico.....	0 ^{gr.} ,04180
Formando de carbonato de soda.....	<u>0^{gr.},10070</u>

Chlorureto de sodio

A soda restante 0 ^{gr.} ,06699, corresponde a sodio. 0 ^{gr.} ,04963	
Que se combina com o chloro, na proporção de. 0 ^{gr.} ,07661	
Formando de chlorureto de sodio.....	<u>0^{gr.},12624</u>

Carbonato de magnesia

A magnesiã na proporção de.....	0 ^{gr.} ,03555
Combina-se com acido carbonico.....	0 ^{gr.} ,03815
Formando de carbonato de magnesia.....	<u>0^{gr.},07370</u>

Chlorureto de magnésio

A magnesia restante 0 ^{gr.} ,00728 corresponde a ma- gnésio	0 ^{gr.} ,00444
Que se combina com o chloro restante.....	0 ^{gr.} ,01244
Formando de chlorureto de magnésio.....	<u>0^{gr.},01688</u>

Carbonato de cal

A cal na proporção de.....	0 ^{gr.} ,07314
Combina-se com acido carbonico restante.....	0 ^{gr.} ,05746
Formando de carbonato de cal.....	<u>0^{gr.},13060</u>

Sulphato de cal

A cal restante.....	0 ^{gr.} ,00582
Combina-se com o acido sulphurico restante....	0 ^{gr.} ,00832
Formando de sulphato de cal.....	<u>0^{gr.},01414</u>

Acido silicico ou silica

A silica encontrada.....	0 ^{gr.} ,00180
--------------------------	-------------------------

Oxido de ferro

Sesqui-oxido de ferro com vestigios de alumina..	<u>0^{gr.},00990</u>
--	------------------------------

Acido carbonico

A quantidade total do acido carbonico.....	<u>0^{gr.},27482</u>
--	------------------------------

Combinada com as seguintes bases, formando carbonatos neutros:

Com a soda.....	0 ^{gr.} ,04180
Com a magnesia.....	0 ^{gr.} ,03815
Com a cal.....	<u>0^{gr.},05746</u>
	0 ^{gr.} ,13741

Sobeja resto combinado com os carbonatos neutros, formando bicarbonatos.....

	<u>0^{gr.},13741</u>
	<u>0^{gr.},27482</u>

Comparação do peso do residuo solido obtido pela evaporação
e dessecação de 1000 grammas de agua com a somma
dos pesos dos elementos directamente dosados

O residuo solido pesa.....	0 ^{gr.} ,518
Chlorureto de magnésio.....	0 ^{gr.} ,01688
Chlorureto de sodio.....	0 ^{gr.} ,12624
Carbonato de soda.....	0 ^{gr.} ,10070
Carbonato de cal.....	0 ^{gr.} ,13060
Carbonato de magnésia.....	0 ^{gr.} ,07370
Sulphato de soda.....	0 ^{gr.} ,04433
Sulphato de cal.....	0 ^{gr.} ,01414
Acido silícico.....	0 ^{gr.} ,00180
Sesqui-oxido de ferro e vestígios de alumina.....	0 ^{gr.} ,00992
	<u>0^{gr.},51831</u>

Segundo as analyses e contra provas acima expostas, a agua que são pelo segundo cylindro da ponte do arsenal da marinha, situado a leste, nas condições em que a encontramos, contém em dissolução:

Chlorureto de magnésio.....	0 ^{gr.} ,01688
Chlorureto de sodio.....	0 ^{gr.} ,12624
Bi-carbonato de soda.....	0 ^{gr.} ,14250
Bi-carbonato de cal.....	0 ^{gr.} ,18806
Bi-carbonato de magnésia.....	0 ^{gr.} ,11185
Sulphato de soda.....	0 ^{gr.} ,04433
Sulphato de cal.....	0 ^{gr.} ,01414
Acido silícico.....	0 ^{gr.} ,00180
Sesqui-oxido de ferro e vestígios de alumina....	0 ^{gr.} ,00992
Materia betuminosa (?).	

De todo este trabalho concluímos:

Que a agua que brota no segundo cylindro a leste da ponte do arsenal da marinha, pela diminuta quantidade de seus principios mineralisadores, não pertence á classe das aguas mineraes.

Que a agua não contém o gaz sulphydrico; o cheiro porém que manifesta, quando são do cylindro, e que se dissipa passado algum tempo, parece-nos dever attribuir-se a um principio betuminoso, adquirido na sua passagem por entre a rocha.

Que esta agua, de que muitas pessoas usam para bebida, reúne as condições da agua potavel de boa qualidade, propria para os usos economicos; porquanto a sua origem é de rocha, não tem materias organicas em quantidade apreciavel, é dotada de cheiro não repugnante, sabor fresco e não desagradavel; contém apenas 0^{gr.},14 de saes de cal, sendo d'estes 0^{gr.},01 de sulphato, o bicarbonato de soda e mais saes da mesma base, o ferro em mui pequena quantidade, circunstancias estas que podem concorrer para favorecer a digestão; finalmente conserva-se por muito tempo sem alteração, e não deixa nos vasos, que a contém, as incrustações proprias das aguas abundantes em saes de cal.

Lisboa e hospital da marinha, em 10 de setembro de 1866. — *Joaquim José Alves*, pharmaceutico de 1.^a classe.
(*Diario do governo* de 26 de setembro de 1866).

VARIÉDADES

Maneira vantajosa e economica de engordar os gados. — Segundo as experiencias feitas pelo sr. Marshal, agricultor inglez, consiste em dar-lhes a forragem cortada, ou esta seja verde ou secca, banhada em caldo produzido na cozedura de um terço de farinha de cereaes ou de leguminosas, principalmente a farinha de ervilha, feijão, favinha, milho, centeio e cevada. É conveniente dar aos animaes, nos intervallos da comida, uma pouca de palha.

Verniz para a conservação das estatuas de marmore expostas á acção do ar. — Este verniz obtem-se fundindo duas partes de cera branca em oito partes de essencia de terebinthina bem pura. Quando as estatuas saem da officina do esculptor, applica-se o verniz ligeira-

mente aquecido e em camada muito delgada, a fim de não destruir a harmonia das formas.

Processo para tirar o cheiro do almiscar.—O sr. Biltz certifica que o cheiro do almiscar, nas mãos e nos utensilios, é tirado facilmente pela cravagem de centeio. O processo consiste em esfregar as mãos com a pasta feita do pó da cravagem de centeio e pequena porção de agua; o cheiro desaparece irremediavelmente e sem voltar.

Oleo de linhaça rapidamente seccativo.—Aquece-se dois litros de oleo de linhaça com cinco grammas de oxydo de manganez hydratado, agita-se repetidas vezes até apparecerem ligeiros vapores, e mantem-se esta temperatura durante quinze a trinta minutos; deixa-se depositar e decanta-se depois de frio.

Trichinosa e ladraria.—Dos documentos estatisticos officiaes de Allemanha, durante o anno de 1876, consta o seguinte:

O exame microscopico obrigatorio das carnes não está ainda estabelecido por todo o paiz. Nas provincias rhenanas é feito raras vezes; pelo contrario, em Saxe, onde a população tem por costume consumir a carne de porco, ainda crua e cortada miudamente, a inspecção microscopica é muito difundida.

Em Berlim e nos districtos de Schleswig, Dantzig, Cologne, Aix-la-Chapelle, Coblentz, o exame microscopico não está ainda em execução. Nas provincias, onde a inspecção existe, só funciona nas cidades.

Os 11:915 inspectores de carne examinaram, em 1876, 1.728:595 porcos, dos quaes 1:020 continham trichinas, e 4:075 eram ladras.

Os districtos de Bromberg e Posen são os que têm fornecido maior numero de porcos trichinados; a ladraria só tem sido encontrada mais frequentemente nos districtos de Dantzig, Koenigsberg, Liegnitz, Breslau, etc.

SAUDE PUBLICA

Chromato neutro de chumbo nos pasteis

O sr. Personne apresentou na academia de medicina de Paris, em sessão de 2 de dezembro de 1879, uma observação acerca da introdução do chromato neutro de chumbo nos pasteis.

Em consequencia da carestia dos ovos, um certo numero de pastelleiros têm empregado nos seus productos o chromato neutro de chumbo, para lhes dar a coloração similhante á gemma de ovo. Esta pratica, originaria de Paris, tem sido diffundida na provincia.

A amostra apresentada na academia foi entregue ao sr. Galippe pae, pharmaceutico; era com effeito de um amarelo intenso, a ponto de despertar a attenção dos consumidores. A analyse chimica, feita pelo sr. Galippe sôbre 100 grammas da dita amostra, demonstrou a existencia de 73 milligrammas de oxydo de chumbo.

É urgente dar-se toda a publicidade possivel a este facto, a fim de chamar a attenção da auctoridade sôbre esta falsificação e instruir os pastelleiros do perigo a que estão expostos os consumidores.

(Bulletin commercial.)

Centro de Documentação Farmacêutica

Emprego do leite como excipiente da quinina

da Ordem dos Farmacêuticos

O sr. dr. Batterbury recommenda o leite como excellente dissolvente do sulfato de quinina, o qual dissimula em grande parte o sabor: 5 centigrammas d'este alcaloide, solvido em 30 grammas de leite, apresenta apenas sabor perceptivel; com 10 centigrammas, o amargor não é ainda pronunciado.

Este modo de administrar o sulfato de quinina é preferive ao da dissolução no alcool ou no acido.

(Union médicale.)

Especifico contra o typho

O sr. Johnson tem administrado, com bom exito, a tinctura de raiz de *Baptisia tinctoria* em certo numero de casos de typhos, tres dos quaes principalmente offereciam symptomas mui graves, acompanhando um regimen composto de leite e de estimulantes; tambem tem applicado loções frias e dado 4-5 gotas da tinctura todas 1-4 horas. A doença seguia o seu curso de modo muito benigno, com ausencia de delirio, a tinctura produzia diminuição de temperatura e a cura apressava-se rapidamente.

Baptisia tinctoria R. Br. (*Podalyria tinctoria* Willd., *Sophora tinctoria* L.) anil silvestre, planta da familia das papilionaceas, muito commum na America do Norte, as suas folhas contém materia analoga ao anil. Os ramos d'este arbusto, presos aos arreios dos cavallos, afugentam os moscardos. A raiz tem sabor muito desagradavel; mastigada no estado recente, causa vomitos e diarrhêa; desseccada e em pequena dóse, é empregada como antiseptico na escarlatina, nas febres typhosas e como succedanea da casca de quina.

(*Journ. de pharm. d'Als.-Lorr.*)

Presença do cobre nos vinhos aquecidos

O sr. Schmitt, pharmaceutico naval, diz haver-se verificado em Algérie, a existencia de um vinho, o qual podia, pelo seu consumo, causar damno á saude publica.

Este vinho foi analysado por diferentes chimicos e, recentemente, pelo dito sr. Schmitt no laboratorio da escola militar de Dey; continha grande porção de cobre, proveniente dos apparatus empregados no aquecimento, conservação e melhoramento do vinho (processo Pasteur).

Seria muito conveniente recommendar-se aos proprietarios e aos negociantes de vinhos, que praticam este processo Pasteur, terem o maior cuidado nos seus apparatus, evitarem o contacto do vinho com os metaes nocivos, taes são o chumbo

e o cobre não estanhado, e conservarem constantemente todas as peças dos mesmos aparelhos no maior estado de asseio.

(*Journ. de méd. et de pharm. de l'Algérie.*)

Demonstração do acido sulfurico livre no vinagre

A observação do sr. Donath, de que o iodeto de potassio não é decomposto pelo bichromato de potassa, mas sim pelo acido chromico livre com separação de iodo, pôde tambem ser applicada á demonstração dos acidos mineraes livres, misturando-se o soluto da substancia, na qual se pretende pesquisar o acido livre, com algumas gotas de soluto de iodeto de potassio e de bichromato de potassa, ajuntando-se-lhe em seguida alguns centimetros cubicos de sulfureto de carbono.

Em presença de um acido livre o sulfureto adquire a coloração violeta; e, sendo o chromato de chumbo muito decomposto pelos acidos mineraes mais energicos, pôde-se indagar da maneira seguinte se o vinagre contém acido sulfurico livre: ferva durante dois minutos 20 centimetros cubicos de vinagre com 9,5 de chromato de chumbo, filtre, ajunte ao liquido filtrado e frio alguns grumos de iodeto de potassio e agite com o sulfureto de carbono; existindo o acido sulfurico livre no vinagre o sulfureto de carbono colora-se em violeta. Pôde-se verificar d'esta maneira até á presença de 0,1 por 100 de acido sulfurico.

(*Hager's pharm. centralh.*)

Leite e os seus perigos

A febre typhosa que acaba de fazer estragos em Bristol, e outros accidentes acontecidos recentemente, exigem promptamente uma vigilancia mais activa sôbre o leite, fornecido pelas differentes vaccarias do campo, para consumo dos ha-

bitantes. Este producto alimenticio, do qual temos tido occasião de mencionar os perigos como vehiculo das doenças contagiosas, ha sido a causa principal da epidemia de Bristol; a investigação feita pelo eminente *officer of health* da cidade, o dr. Davies, confirma peremptoriamente a nossa asserção.

Nenhuma doença se havia ainda manifestado n'esta cidade, quando de repente a febre typhosa se declara em duas localidades assás distantes uma da outra, differentes entre si não sómente pela posição topographica, senão tambem pelos costumes e occupações de seus habitantes.

A que se deverá attribuir esta terrivel doença? Os canos de esgôto estavam em boas condições de salubridade nos dois districtos; a qualidade da agua de beber era excellente; a intelligencia do dr. Davies nunca o tinha induzido da existencia da febre; dirigia as suas pesquisas para um e outro lado e descobriu que o leite produzira a contágio. Não se pôde fixar bem e com exactidão os incommodos que apresentava o leite consumido em uma das localidades; o leiteiro recebia os seus fornecimentos de diversas herdades confinantes, mas constava que os habitantes de outra povoação, que se proviam de uma só vaccaria, eram affectados da mesma doença; as suspeitas do *officer of health* não tardaram a confirmar-se.

A herdade foi visitada cuidadosamente, encontrou-se-lhe grande monte de estrume a que se não deu importancia; e o que chamou mais a attenção foram as latrinas situadas a 5 metros sómente da fonte que fornecia a agua para os usos ordinarios. O leiteiro asseverou não a ter empregado na lavagem dos utensilios, mas era evidente que o leite provinha da mesma herdade, vendido em Bristol e conter d'esta agua. Todas as duvidas foram desfeitas, logo que o dr. Davies observou que uma só colhér de agua corrompida continha germens typhosos e, misturada ao leite pelo domestico pouco cuidadoso ou de má fé, podia envenenar 1:000 litros do precioso liquido.

Estamos moralmente convencidos que a infecção provinha das latrinas e das aguas impuras, as quaes, infiltrando-se no

solo, vinham misturar-se na mesma fonte. O sr. Stoddart, que fôra encarregado de estudar esta questão, concluiu que o residuo das aguas impuras, depois de evaporadas a 212.º Fahr., era consideravel e completamente amarello de materia animal.

O proprietario da vaccaria prometteu ao dr. Davies remover immediatamente todas as disposições deploraveis do seu estabelecimento e prohibir que as vaccas se utilisem da agua da fonte.

(*Journal d'hygiène.*)

J. D. CORRÊA.

PHARMACIA

Collyrio de capsico

Pelo sr. Beasley

Capsico (*capsicum annuum*) 40 centigram.

Agua distillada 240 gram.

Macere a frio, por espaço de tres horas, e filtre. Applica-se duas ou tres gotas por dia, nos olhos affectados de amaurosa.

Collyrio contra a blépharita

Pelo sr. Sichel

Borato de soda 4 gram.

Mucilagem de marmelo 40 »

Agua de loureiro-cerejeira 5 »

Agua distillada 100 »

F. s. a. Applica-se tres a oito vezes por dia, ou seja em instillações ou em fomentações, na blépharita simples ou escrofulosa. Começa-se por diluir este preparado em seis vezes o seu volume de agua distillada, depois, pouco a pouco, consegue-se empregal-o puro. Purgantes repetidos, oleo de figado de bacalhau aos escrofulosos.

Electuario antiblennorrhoeico

Pelo sr. Beyran

Balsamo de copahiba.....	30 gram.
Alcatrão de Norwega.....	30 »
Oxydo de magnésio.....	q. b.

F. s. a. Para ser administrado duas ou tres colhêres das de café por dia. Este medicamento é diuretico e aconselhado na blennorrhagia chronica e no catarrho da bexiga.

Electuario balsamico

Pelo sr. Trousseau

Balsamo de copahiba.....	45 gram.
Cúbebas em pó.....	50 »
Tartarato de potassa e de ferro.....	5 »
Xarope de marmelo.....	q. b.

F. s. a. Para ser administrado tres bolos por dia, do tamanho de uma avelã, ás pessoas affectadas de blennorrhagia.

Electuario de quina e enxôfre

Pelo sr. De Smet

Quina em pó fino.....	20 gram.
Enxôfre sublimado e lavado.....	20 »
Xarope de althea.....	q. b.

F. s. a. Administra-se tres ou quatro colhêres das de café, por dia, na bronchita chronica dos velhos e das pessoas enfraquecidas e propensas a diarrhéa.

Emulsão vermifuga

Pelo sr. Desnos

Sementes de abobora descascadas....	60 gram.
Agua.....	200 »
Xarope de casca de laranja.....	60 »

F. s. a. Para se tomar, em uma ou duas porções, de ma-

nhã em jejum. Duas horas depois da ingestão d'este preparado, o doente deve engulir 45 grammas de oleo de ricino.

Injecção antiblennorrhagica

Pelo sr. Langlebert

Laudano de Rousseau..... 2,00 gram.

Agua distillada..... 100,00 »

Sulfato de zinco 20 a 40 centigram.

Solva. Seis injecções por dia, dois minutos ou mais de duração cada uma, no começo da blennorrhagia aguda. Camphora internamente, pomada camphorada em fricções no perinéu.

Injecção contra a blennorrhéa

Pelo sr. Langlebert

Agua distillada de copahiba..... 100 gram.

Sulfato de zinco 40 centigram.

Oxydo de zinco puro 4 a 6 gram.

F. s. a. soluto turvo. Para ser applicado em quatro ou seis injecções por dia, na blennorrhéa. Se o doente estiver anemico, administra-se-lhe um preparado ferruginoso, especialmente o citrato de ferro.

Loção contra a pityriase

Pelo sr. dr. E. Besnier

Bichloreto de mercurio..... 0,25 gram.

Agua distillada..... 125,00 »

Solva. Aos doentes affectados de pityriase, lava-se primeiramente a pelle com sabão e applica-se este medicamento.

Loção contra as sardas

Pelo sr. Hardy

Chloreto mercurico..... 4 gram.

Sulfato de zinco..... 8 »

Alcool camphorado 10 gram.

Agua distillada..... 300 »

Solva. Dilua-se com duas ou tres partes de agua, embeba pequena esponja fina n'este soluto e faça loções todos os dias, para combater as sardas. Sob a influencia d'estas loções produz-se escoriação ligeira da epiderma, e as manchas desapparecem momentaneamente. (É esta a loção que se vende no commercio, com o nome de *Agua antephelica.*)

Pó calmante

Pelo sr. Langlebert

Cúbebas em pó..... 68 gram.

Bicarbonato de soda em pó..... 4 »

Misture e divida em 36 doses. Administra-se 6 a 12 doses por dia, para combater as dores que persistem na urethra depois da suspensão completa do corrimento blennorrhagico; faz-se além d'isso tres injeções, de um a dois minutos de duração, com o soluto seguinte:

Sulfato de morphina..... 10 a 20 centigram.

Agua distillada..... 100 gram.

Solva.

Pó dentifricio

Pelo sr. Carabelli

Osso de siba em pó..... 15,00 gram.

Olhos de caranquejo em pó..... 15,00 »

Canella em pó..... 12,00 »

Lirio florentino em pó..... 12,00 »

Carvão de tilia em pó..... 0,50 »

Misture.

Poção anticatarrhal

Pelo sr. Stokes

Carbonato de ammonia.. 75 centigram. a 1 gram.

Tinctura de scilla..... 4 a 8 »

Tinctura de opio..... 4 a 8 »

Xarope de balsamo de Tolú..... 15 gram.

Infuso de raiz de senega..... 150 »

F. s. a. Administra-se ás colhêres, de duas em duas horas, no segundo periodo da bronchita, quando os accidentes agudos tenham sido antecedentemente combatidos pelos anti-phlogisticos.

Poção contra a diphtheria

Pelo sr. dr. Bergeron

Balsamo de copahiba..... 0,50 a 2 gram.

Alcool..... 40 »

Agua de hortelã pimenta..... 100 »

Xarope de casca de laranja..... 20 »

F. s. a. Para ser administrada ás colhêres, de duas em duas horas, na diphtheria não infecciosa, para favorecer a desappareição das falsas membranas. No caso que a poção provoque diarrhêa ou vomitos, suspender-se-ha, a fim de não embaraçar a alimentação tão necessaria para o restabelecimento do doente.

Pomada contra a amaurosa

Pelo sr. Sichel

Oxydo negro de cobre..... 1 gram.

Banha preparada..... 40 »

F. s. a. Para unções, quatro vezes por dia, sôbre a testa e as fontes, nos casos de amaurosa provocada por abuso de tabaco; uma hora depois da fricção limpa-se a pomada. Banhos aos pés com agua salgada, duas vezes por semana, vesicatorios volantes, purgantes repetidos.

Soluto contra a diphtheria

Pelo sr. dr. Bergeron

Acido salicylico..... 5 gram.

Alcool a 90°..... 40 »

Agua distillada..... 80 »

F. s. a. Para ser applicado frequentemente nas falsas membranas e obter-se o effeito antiseptico.

Soluto contra a pityriase

Pelo sr. dr. Delieux

Carbonato neutro de potassa.....	2 gram.
Rhum.....	100 »
Agua de alcatrão.....	100 »

Solva. É empregado em lavagem e em fricção, alimpa perfeitamente a cabeça, faz cair as pelliculas da pityriase, previne e afasta a sua repetição.

Suppositorio contra as hemorrhoidas

Pelo sr. dr. Lancing

Ergolina.....	1,5 gram.
Oleo de cacão e cera branca.....	q. b.

F. s. a. um suppositorio. Para ser applicado um de manhã e outro á noite. O primeiro causa apenas ligeira dôr. Sob a influencia d'este meio, segundo o auctor, o corrimento do sangue suspende-se, as veias cessam de estar duras, e a hyperesthesia passa ao estado normal.

Xarope antiarthritico

Pelo sr. dr. Bazin

Xarope de saponaria.....	500 gram.
Bicarbonato de soda.....	6 a 10 »

Solva. Para administrar duas colheres das de sopa por dia.

Xarope contra o rheumatismo

Pelo sr. dr. Siredey

Iodeto de potassio.....	5,00 gram.
Iodo.....	0,05 »
Xarope de genciana.....	125,00 »

Solva. Administra-se uma colher das de sopa, de manhã e de tarde, nos casos de rheumatismo chronico das pequenas articulações.

Oleato de zinco no tratamento do eczema

O sr. dr. Radcliff Croker aconselha preparar o oleato de zinco da maneira seguinte: tritura-se em oito partes de acido oleico, isento de acido palmitico, uma parte de oxydo de zinco puro; deixa-se em repouso por espaço de duas horas e depois aqueça-se até que o zinco esteja completamente dissolvido.

Pelo resfriamento, este preparado transforma-se em massa solida, branca-amarellada, facil de ser reduzida á consistencia de pomada, com a addição de uma parte de vaselina ou de aceite ou, ainda, de duas partes de banha preparada. A vaselina é preferivel por causa da sua estabilidade.

Este medicamento é muito util no eczema agudo e chronico e póde substituir a pomada de Hebra, com relação ao effeito therapeutico; é remedio muito activo, nas fórmas do eczema, quando haja producção abundante de serosidade; é sempre inoffensivo, mesmo nos casos em que a sua acção therapeutica fôr nulla.

(*Journal de thérapeutique.*)

J. D. CORRÊA.

TOXICOLOGIA

Methodos analyticos para se reconhecer a existencia de varios toxicos nos envenenamentos

Chumbo

Conforme o sr. dr. Rabuteau, a *agua*, em contacto com o chumbo, pode formar combinações mais ou menos soluveis, se ella contém, por exemplo, acidos chlorhydrico ou acetico, tornando-se rapidamente toxica; se contém acido sulfurico ou acido carbonico, forma-se á superficie do metal uma camada de sulfato ou de carbonato de chumbo insolueis, e cada um d'estes precipitados, divididos e postos em suspensão na agua, a ingestão d'este liquido causará accidentes; se a agua estiver saturada de sulfatos de potassa, de soda, de ammonia, de

magnesia, de cal, de alumina, de chloretos de calcio, de ammonia, de acetatos de potassa ou de soda, ou sómente de potassa ou de soda, ataca o chumbo; e, finalmente, a agua contendo phosphato de soda, bicarbonato de cal, chloreto de sodio, não se apodera d'este metal.

O *vinho*, que é sempre acido, devido ao bitartarato de potassa ou a pequena quantidade de acido acetico, adquire rapidamente propriedades deleterias quando pôsto em contacto com o chumbo; assignalam-se accidentes graves e mesmo casos de morte pela ingestão de um vinho conservado em garrafa, no fundo da qual se encontraram grãos d'este metal que tinham servido para a lavagem. A *cerveja*, a *cidra*, atacam igualmente o chumbo; os *vinhos adoçados* com lithargyrio, as *cidras* clarificadas com saes de chumbo, produzem numerosas intoxicações.

Os *alimentos*, preparados ou conservados em vasos de chumbo ou de estanho mais ou menos rico de chumbo, têm igualmente apresentado envenenamentos.

O *tabaco*, conservado em pequenos pacotes ou bocetas de chumbo, tem dado logar a envenenamentos; e, havendo-se procedido a analyse, encontrou-se-lhe já 1 por cento de chumbo no que ficava nas immediações do envolvero.

O chumbo existirá normalmente no organismo? Os srs. Devergie, Orfila e alguns outros são pela affirmativa; os srs. Danger e Flandin, Chevreul e outros são pela negativa e, quando se encontra o chumbo no organismo do homem, ou fôra introduzido accidentalmente por effeito do uso de agua ou de alimentos conservados em vasos de chumbo ou em utensilios de barro vidrado.

Os órgãos nos quaes tem sido facilmente encontrado este metal, são: o figado, os pulmões, os rins, os musculos e os ossos. No caso de intoxicação e quando a morte não tenha sido rapida, deve-se procurar o veneno não só nos vomitos, nas evacuações do ventre, no conteúdo do tubo digestivo, mas tambem nas urinas, se fôsem colhidas, e nos órgãos mencionados.

Destruídas as materias organicas pelo chlorato de potassa e acido chlorhydrico, o chumbo será encontrado no liquido em o estado de chloreto, o qual, ainda que pouco solúvel na agua distillada, dissolve-se facilmente na agua acidulada com acido chlorhydrico, mórmente quando os solutos estão quentes; tambem este metal póde ser descoberto no estado de sulfato, que é insolúvel na agua e muito solúvel no acido chlorhydrico; filtra-se ainda quente e deve-se assegurar que não fique sôbre o filtro porção alguma de chloreto nem de sulfato; se o residuo lavado ennegrecer ao contacto do acido sulfhydrico, será ainda tratado pelo acido chlorhydrico fervente e depois filtrado sôbre amianto.

Os solutos acidos serão reunidos e levados á ebullição, a fim de expellirem uma parte do acido chlorhydrico; em seguida ajunta-se agua distillada e faz-se passar uma corrente de hydrogenio sulfurado até perfeita saturação; o chumbo é então precipitado no estado de sulfureto, que será recolhido e calcinado com azotato de ammonia em um cadinho; o residuo d'esta calcinação será tratado pela agua distillada fervente e acidulada com acido azotico, até se obter soluto de azotato para ser submittido ás reacções dos saes de chumbo, sendo as principaes as seguintes:

1.^a Com a *potassa* e a *soda* — precipitado branco de oxydo de chumbo hydratado, solúvel no excesso de reactivo (caracter distinctivo dos solutos de bismutho, cujo oxydo não se dissolve no excesso de potassa ou de soda).

2.^a Com os *carbonatos alcalinos*, o *ferrocyaneto*, o *cyaneto de potassio*, o *acido sulfurico* e os *sulfatos solúveis* — precipitados brancos.

3.^a Com o *acido sulfhydrico*, o *sulfhydrato de ammonia* e os outros *sulfuretos alcalinos* — precipitado negro de sulfureto de chumbo.

4.^a Com o *chromato de potassa*, o *iodeto de potassio* — precipitados amarellos de chromato de chumbo solúvel na potassa, e de iodeto de chumbo solúvel na agua fervente que o precipita pelo resfriamento sob a fórma de palhetas amarellas.

5.^a Com a *lamina de zinco* bem polida e mergulhada no soluto de sal de chumbo—recobre-se esta de uma camada escura de chumbo pulverulento e depois de palhetas d'este metal.

(Continúa.)

J. D. CORRÊA.

VARIÉDADES

Morte apparente, enterramentos, cremação.— É tão bem cabido nas paginas do jornal da sociedade o extracto da magnifica conferencia, que o nosso illustrado collega, o sr. Sousa Telles, fez na noite de 10 de abril ultimo, na sala do gremio popular, sobre — morte apparente, enterramentos, cremação, — que tomámos a liberdade de o transcrever do *Diario de noticias*.

É o seguinte :

«Começou o conferente dizendo, que tendo occupado aquelle logar Simões Raposo, um dos maiores pedagogistas de Portugal; o dr. Theophilo Ferreira, medico e professor distincto, que devia ao estudo e a excepcional força de vontade a posição brilhante, que hoje occupava; e Elias Garcia, engenheiro, professor e jornalista afamado, que pelo seu talento, probidade e zêlo pelo serviço publico conseguira, que seu nome fulgurasse entre os mais distinctos, como uma estrella de primeira grandeza, estranha causa pareceria, que elle ousasse assentar-se n'aquella cadeira e dirigir a palavra a um tão numeroso e selecto auditorio, em cujos ouvidos echoavam ainda as vozes auctorizadas e eloquentes dos prelectores, que o antecederam. Que não viera ali impellido pela vaidade, nem confiado nas suas facultades intellectuaes, que bem mesquinhas eram; mas sim em obediencia á vontade de um amigo, ao qual consagrava sincera estima e profunda veneração, o sr. Rosa Araujo, dignissimo presidente d'aquella benemerita associação, e por estar convencido de que, tratando um assumpto importantissimo para o qual era urgente chamar a attenção do governo, dos medicos e do povo, faria algum serviço á commuidade; que aquella ingenua confissão o des-

culparia das faltas, que commettesse; e que a benevolencia do auditorio, provada pela sua presença ali, á hora em que tantos e tão variados espectaculos e passatempos lhe estavam fazendo negaças por toda a parte, lhe daria a indispensavel coragem para proseguir.

Assentou, como verdade incontestavel, que a associação em Portugal tem feito incalculaveis beneficios ás classes operarias, e por conseguinte á nação, da qual as mesmas classes formam uma parte mui numerosa e mui prestadia. Para corroborar esta asserção discursou largamente ácerca das *crèches*, fazendo notar, que o meio em que as creancinhas vivem, os alimentos, que se lhes dão, os carinhos com que são tratadas, o asseio, o conveniente repouso e conveniente exercicio exercem sobre aquelles organismos em via de formação, grande influencia, a qual vae reflectir-se nos orgãos, séde das faculdades intellectuaes, faculdades, cujo posterior desenvolvimento se realisa melhor ou peor, conforme as condições, em que os infantes passaram o primeiro periodo da vida.

Occupando-se das casas de asylo da infancia desvalida, ponderou, que se não fossem ellas, veriamos muitos milhares de creanças vagando por essas praças, ruas e becos, anjos á beira do abysmo, em camaradagem repugnante com a escoria da sociedade, repartindo o escasso alimento com os cães da rua; expostas a mil perigos, mergulhadas nas mais densas trevas da ignorancia, a caminho da perdição.

Tratando dos soccorros domiciliarios, promovidos pelas associações denominadas monte pios, louvou estas associações, porque têm evitado que muitos milhares de enfermos tenham ido tratar-se nos hospitaes; e disse, que os hospitaes são uma triste necessidade, mórmente os muito grandes, um mal, por emquanto irremediavel, das sociedades modernas; que nos hospitaes, principalmente quando não são construidos segundo todas as regras da hygiene, ha constante viciação do ar, desde a porta até aos telhados, pelas emanções de substancias de natureza varia; que os materiaes de construcção, e em especial as paredes, as madeiras e as roupas

se impregnam de miasmas, que, exhalando-se, são fonte perenne de intoxicação, o que explica as chamadas doenças nosocomiaes, taes como a diarrhéa, o typho e a gangrena dos hospitaes e a difficuldade com que os operados se restabelecem, quando não succumbem em resultado das pessimas condições da circumfuza; que nos hospitaes, os enfermos estão confiados a empregados menores, mal retribuidos, aos quaes faltam muitas vezes (salvâs honrosissimas excepções) os requisitos de zêlo, caridade e aptidão; que ali, pela coexistencia de muitos doentes na mesma enfermaria, se perde o sentimento do pudor; e pela quasi completa ausencia das pessoas de familia, se affrouxam os laços de amizade, que devem prender uns aos outros os parentes, os quaes laços não raro se estreitam indissolvelmente nas angustiosas horas do soffrimento physico, quando para minoral-o disputam requintes de affecto os que cercam o doente.

Explicou o que é o credito e os serviços, que presta á industria e ao commercio, e fez ver, que antes da associação crear a caixa de credito industrial, o banco do povo, a caixa economica popular e outros institutos analogos, o pequeno industrial e o pequeno commerciante, pobre, mas honrado e laborioso, em vão ia bater ás portas dos bancos, onde lhe não acreditavam a firma.

Discursou ácerca das philarmonicas e poz em relevo as vantagens de taes congregações.

(Continúa.)

Maneira de tirar as nodoas dos estofos. — Segundo as experiencias dirigidas pelo nosso digno collega e consocio o sr. A. Chevallier, pharmaceutico, deve-se, antes de começar a operação, tomar certas precauções. Primeiramente examinar a natureza da nodoa, a especie do estofa e o genero das côres; isto feito, deve-se bater cuidadosamente o estofa e escovar para tirar toda a poeira; depois expôr á acção do vapor da agua, para lhe fazer sair e amollecere as nodoas; finalmente, antes de molhar o estofa, marcar com giz as ditas nodoas, para as reconhecer e tirár cada uma de per si.

Nodoas de acidos mineraes.— Pode-se neutralisar immediatamente o seu effeito pela ammonia, diluida em sufficiente quantidade de agua, ou simplesmente pelo vapor d'este alcali: n'este caso, se a nodoa é antiga e desapparece a côr, tem de ser tincto novamente o estofô.

As nodoas de tabaco, hervas, cêrveja e cidra, as de sumos de framboeza, cereja, ginja, groselha, sôbre os estofos não tinctos, desapparecem completamente pela lavagem com agua e sabão; mas, para destruir as ultimas nodoas sôbre os estofos tinctos, mistura-se em um copo com agua dez a doze gotas de acido sulfurico, applica-se-lhes pequena porção com o dedo e lavam-se depois em bastante agua.

Nodoas de café e de chocolate.— Lavam-se com agua e depois com sabão para as destruir, mas podem ser affectadas as côres. N'este caso, para se operar com mais prudencia, emprega-se a gemma de ovo, amornada no banho de agua, como ensaboamento; e, se as nodoas resistirem a muitas lavagens, addiciona-se algumas gotas de alcool e applica-se com pincel.

Nodoas de ferrugem.— Lavam-se estas nodoas, sôbre os estofos brancos, humedecendo-as com agua, deitar-lhes em cima acido oxalico, esfregal-as e, sôbre os estofos tinctos, acido chlorhydrico diluido com agua.

Pode-se ainda empregar com bom exito o cremor de tartaro, porque ataca menos as côres que os acidos, e do modo seguinte: reduza a pó fino o cremor, applica-se sôbre a nodoa e humedece-se depois para lhe dar acção; deixa-se actuar por espaço de oito a dez minutos, em seguida esfrega-se brandamente a nodoa entre as mãos para desapparecer o sal, e lava-se com cuidado.

Nodoas de fuligem e pingos de tubos de fogão.— Começa-se por molhar com essencia de terebinthina e esfregar ligeiramente, a fim de dissolver uma especie de oleo empyreumatico que têm os saes e outras materias concentradas sôbre o estofô; depois misturar esta mesma essencia com gemma de ovo e, tendo o composto um pouco tepido, applicar repetidas

vezes sôbre a nodoa, esfregando-se levemente. Se ainda não fôr bastante o que fica indicado e apresentar mancha escura, devida ás particulas de ferro, humedeça-a com acido chlorhydrico muito diluido e, sendo sôbre estofos brancos, empregue-se acido oxalico ou o cremor de tartaro.

Nodoas de gordura.— É necessario molhar a nodoa com essencia de terebinthina, esfregar ligeiramente com esponja para a fazer decompôr, humedecer novamente com mais essencia e cobrir no mesmo instante com cinza tamisada ou a terra de cachimbo em pó. Passados dez minutos separa-se a terra absorvente e escova-se bem o sitio; se a nodoa não tem ainda desaparecido, repete-se a operação e, se a mesma nodoa ainda resistir, poder-se-ha tirar com gemma de ovo misturada com essencia.

Todavia, se a nodoa é antiga, póde muito bem ser que as particulas ferruginosas que contenha adherissem ao estofado; convém então lavar bem a nodoa e applicar-lhe acido chlorhydrico ou oxalico diluido com agua.

Nodoas de lama, urina e suor.— A agua é sufficiente em geral; no caso contrario, recorre-se á gemma de ovo e, em ultimo remedio, ao cremor de tartaro em pó.

Se a lama tiver produzido alterações nas côres vermelhas, applica-se acido citrico, chlorhydrico ou acetico diluido com agua, para restituir a côr.

Para fazer desaparecer as nodoas de urina, é essencial tiral-as seguidamente e no mesmo instante; o melhor reagente a empregar é a ammonia diluida. Quando a urina tem envelhecido e tomado o character alcalino, então, se a ammonia não fôr sufficiente, solve-se pequena quantidade de acido oxalico, que se lhe applica com pipetta.

As nodoas de suor podem ser tiradas sôbre qualquer estofado, pelos mesmos processos e, sôbre o escarlate, desaparecem instantaneamente applicando-lhes sal de estanho solvido em grande quantidade de agua.

Nodoas de oleo, gordura, sebo, etc.— Todas as nodoas gordurentas desaparecem com a essencia de terebinthina